



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO REFLEXIVA SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

JOÃO PESSOA-PB

2014

MARIA JOSÉ OLIVEIRA ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO REFLEXIVA SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dr^a. Roseane Batista Feitosa Nicolau

João Pessoa-PB

2014

A663v Araújo, Maria José Oliveira.
A variação linguística em sala de aula: uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico / Maria José Oliveira Araújo.- João Pessoa, 2014.
70f. : il.
Orientadora: Roseane Batista Feitosa Nicolau
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística – ensino. 2. Variação linguística.
3. Preconceito linguístico.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

MARIA JOSÉ OLIVEIRA ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO REFLEXIVA SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

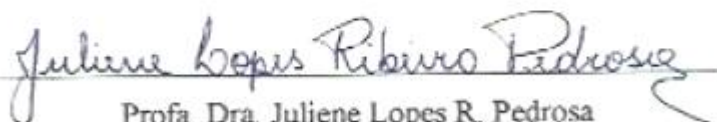
Data de aprovação: 18/ 07/2014

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau

(Orientadora)



Profª. Dra. Juliene Lopes R. Pedrosa

(Examinadora interna)

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

(Examinador externo)

João Pessoa-PB

2014

Aos meus pais: José Barbosa de Oliveira (*in
memoriam*) e Margarida da Silva Oliveira,
primeiros mestres em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que tenho na vida.

A meus pais pelo amor incondicional, pelos ensinamentos. A vocês meu amor eterno.

Ao meu marido companheiro que, há vinte e quatro anos, comunga a vida comigo e soube compreender as minhas ausências para os estudos, me incentivando e acompanhando em todos os momentos.

Aos meus filhos, Rafaela e Rodrigo, a minha neta Raíssa Ellem por todo amor que me dedicam e representam em minha vida.

À minha irmã Leta e minha sobrinha Natália pelas palavras de incentivo e por todo afeto e amizade presente em cada gesto.

À minha orientadora, Profa. Dr^a Roseane Batista Feitosa Nicolau, que com muita competência e compromisso conduziu o aprendizado nessa caminhada. O meu muito obrigada pelo incentivo e por compartilhar comigo o conhecimento.

A todos os professores do curso do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino pela competência no direcionamento das disciplinas.

Às amigas, Ângela Linhares, Maria Irlane, e Maria Salete que compartilharam mais de perto os momentos de incertezas e esperanças.

À Escola Municipal Major José de Barros Moreira pelo espaço e apoio na realização do estudo.

Aos queridos alunos que com a simplicidade de suas palavras me fizeram entender o verdadeiro sentido de estar em sala de aula.

Enfim, a todos que direta ao indiretamente ajudaram na conclusão deste trabalho.

“Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário (...).”

(BORTONI-RICARDO, 2004, p.33).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma reflexão sobre os diferentes modos de falar presentes no espaço escolar. Tem como foco o respeito às variações do português, livre de qualquer preconceito e busca contribuir para melhorar o ensino da língua materna. Para a concretização deste estudo de pesquisa-ação, apoiamo-nos nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, iniciada por Labov, que desencadeou propostas de ensino da língua, pautadas na correlação entre língua e sociedade, bem como nas contribuições para o ensino da língua materna, neste contexto teórico, e por estudiosos brasileiros como Bortoni-Ricardo (2005; 2008), Marcos Bagno (2005; 2007), entre outros. A turma participante deste estudo são alunos do 5º ano de uma das Escolas da Rede Municipal de Ensino da cidade de João Pessoa. Com o foco no princípio da heterogeneidade da língua, direcionamos nossas ações pedagógicas de caráter interacional em sala de aula, para refletir sobre o “adequado” e “não adequado” no que se refere à língua conforme a situação de comunicação. Assim, buscamos apresentar a norma culta oral e escrita para os alunos, com critérios e métodos definidos que levem à reflexão e não permitam o preconceito, pois acreditamos que, sendo linguístico, também é social. Esperamos através deste estudo ter suscitado um novo olhar sobre o preconceito linguístico, que este possa aos poucos ser minimizado na sociedade, e é na escola que este trabalho deve começar na busca por uma sociedade onde não mais existam pessoas que sejam estigmatizadas pelo uso que fazem da fala. A experiência mostrou que o trabalho com a variação linguística, com foco no combate ao preconceito linguístico, pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz, por ser uma nova proposta de ensino da língua portuguesa consoante aos PCN que busca uma maior consciência linguística.

Palavras-chave: Ensino; Variação Linguística; Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This paper has the main propose to present a reflection on the different ways of speaking at school Focuses respect to variations of the Portuguese without prejudice and seeks to contribute to improving the teaching of the mother tongue. To implement this action research study , we rely on the Theory Sociolinguistics Variationist initiated by Labov, which triggered proposals for language teaching , guided by the correlation between language and society , as well as contributions to the teaching of the mother tongue in this theoretical context , and Brazilian scholars as Bortoni-Ricardo (2005, 2008), Marcos Bagno (2005, 2007) , among others. The participating class of this study are students of the 5th year of the Schools of Municipal Schools in the city of João Pessoa. With the focus on the principle of heterogeneity of language focuses our pedagogical actions of interactional character in the classroom, to reflect on the "appropriate" and "not appropriate " in regard to language as a communication situation. Thus, we seek to present oral and written cultural norms for students with defined criteria and methods that lead to reflection and not allow prejudice, as we believe, with language, is also socially. We hope through this study has raised a new look at linguistic prejudice, that it can gradually be minimized in society, and is the school that this work should start in the search for a society where there is no more people who are stigmatized for their use speech . Experience has shown that working with linguistic variation, focusing on combating linguistic prejudice, can be an effective teaching tool, as a new proposal for teaching the English language according to the PCN seeks greater linguistic awareness.

Keywords: Linguisticsteaching; Variation; LinguisticPrejudice.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I- ORIGEM DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS.....	41
Gráfico II- ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS.....	42
Gráfico III- FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS.....	44
Gráfico IV- PROFISSÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS.....	44
Gráfico V- IDENTIFICAÇÃO DE GÍRIAS.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 VISÕES DA LINGUÍSTICA E A APLICABILIDADE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	15
1.1 A Linguística da língua e a Linguística da fala.....	16
1.2 A sociolinguística variacionista.....	19
1.2.1 Fatores da variação linguística.....	20
1.2.2 Bagno e os oito mitos do preconceito linguístico.....	23
1.2.3 Variações Linguísticas e o contexto escolar.....	25
1.2.4 O preconceito linguístico.....	28
1.3 Os PCN e a variação linguística.....	31
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	38
3 ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE.....	70

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de divulgar discussões a respeito das variações linguísticas presentes no espaço escolar além de verificar como essa questão vem sendo abordada. Buscamos conscientizar os professores e alunos sobre a importância de se reconhecer as diferenças, para adotar uma postura pela qual o preconceito não faça parte. Nesse sentido, partimos do uso que o aluno já faz da língua a partir de sua realidade para o português padrão e outras variedades.

Somos conscientes de que a norma padrão deve ser apresentada aos nossos alunos, porém não partindo do princípio de que só a partir da sua entrada na escola é que o indivíduo passará a conhecer a sua língua, e sim considerando que ele já a conhece, pois faz uso dela em seu meio para se comunicar. Contribuindo, dessa forma, para que o aluno possa refletir sobre o uso da língua. Sobre isto Bagno (2007) diz:

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto do uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social (BAGNO, 2007, p.15).

Concordando com Bagno (2007), buscamos justificar esse trabalho pela importância de se compreender as diversidades existentes na sociedade e a necessidade de trabalhar esse tema de forma a contribuir com o objetivo maior da educação que é formar cidadãos capazes de atuar na sociedade de forma crítica e consciente, sendo desta forma livre de preconceitos, em especial, o preconceito linguístico, e assim, levar nossos alunos a refletirem sobre a diversidade linguística entendendo que nenhum indivíduo deve ser discriminado por apresentar uma variedade linguística que difere daquela considerada padrão e privilegiada em nossas escolas. Acreditamos que o ensino da língua materna deve valorizar o repertório que o aluno já traz ao ser inserido no ambiente escolar, para, a partir daí, apresentar a norma padrão como um direito que ele tem. Levando-os a entenderem a necessidade de conhecer a variante culta como fator importante para se obter crescimento pessoal.

O princípio da heterogeneidade linguística mostra que a língua não é homogênea, apresenta variação ocasionada por diversos fatores como de classe social para classe social, de

época para época, de região para região, de acordo com a faixa etária, de acordo com o sexo, entre outros fatores, por isso que a língua sofre variação. Este conhecimento nos causa inquietação, pelo fato de que podemos constatar que nossas escolas não consideram em suas práticas este princípio. De forma que percebemos que a variação linguística não é tratada na escola com vista a combater o preconceito linguístico, presente em vários segmentos da sociedade, inclusive na escola. Em época em que se fala tanto no combate ao preconceito, um desses, o linguístico, fica esquecido.

É necessário que o indivíduo em sua formação linguística seja conduzido a refletir sobre a língua, no sentido de que entender a variação linguística é compreender que as pessoas têm diferentes formas de falar, ou seja, reconhecer que uma mesma coisa pode ser dita de diferentes formas e nenhum indivíduo deve ser discriminado por apresentar uma forma linguística que difere daquela considerada padrão. Se a escola não priorizar esta prática, corre o risco de formar cidadãos que não compreendem a própria língua, que não são capazes de refletir sobre os fatos linguísticos, que discriminam pessoas pelo fato delas apresentarem uma variação própria, pela qual será revelada sua marca identitária. A partir dessa percepção, elaboramos e desenvolvemos um projeto de intervenção, em uma escola municipal de João Pessoa, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Para a concretização deste estudo, apoiamos-nos na Sociolinguística Variacionista que desencadeou propostas para o ensino de língua, pautado na correlação língua/sociedade. Conforme Martelota (2012),

(...) a Sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estrutural e funcional não é nem melhor pior que o dialeto da comunidade do aluno (MARTELOTA, 2012, p. 152).

Adotamos também como fundamentação teórica as abordagens de Bortoni-Ricardo (2005; 2008), Bagno (2005; 2007), uma vez que estes autores apresentam estudos que contribuem para o ensino da língua nas escolas de forma que este possa se tornar um meio para o indivíduo entender a sociedade e o que ela espera linguisticamente de cada um.

Linguagem é interação, é tida como prática social. Nesta perspectiva, o ensino da língua materna ganha significado, pois é através da linguagem que interagimos com o outro estabelecendo contato dentro de diferentes contextos e realidades. A escola, neste sentido,

deve considerar as variedades apresentadas pelos alunos, considerando-os sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento.

Construímos à luz dos pressupostos teóricos apresentados anteriormente, o seguinte objetivo geral: analisar os diferentes modos de falar presente em diversos textos, trabalhados em sala de aula, para refletir sobre o preconceito linguístico. Nesta perspectiva, delimitamos três objetivos específicos: a) apresentar uma reflexão sobre a língua consoante as suas variações, por entender a sua heterogeneidade; b) Identificar os diferentes contextos de uso da língua e como adequá-las às situações evitando o preconceito; c) Promover atividades que envolvam diferentes gêneros textuais para ampliar a competência comunicativa do aluno.

O trabalho organiza-se em quatro capítulos, no primeiro capítulo, trataremos de apresentar nosso referencial teórico, expomos os autores que escolhemos para embasar nossa proposta de intervenção bem como suas contribuições para o estudo. Desta forma, serão feitas algumas observações acerca da Linguística da língua e da Linguística da fala.

Ainda neste primeiro capítulo, faremos considerações sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem e sua importância no contexto escolar, apresentamos reflexões sobre teorias que tratam deste processo e suas contribuições para o ensino da língua materna. Apresentamos também um estudo sobre a teoria Sociolinguística, tratando do seu surgimento; de sua visão de língua; seu objeto de estudo; bem como da sua contribuição para nossas salas de aula no que se refere ao ensino da língua materna. Neste sentido, faremos também algumas considerações sobre os PCN, que baseados nos pressupostos da Sociolinguística, propõem um trabalho em que o aluno seja visto em sua forma de expressão linguística adquirida do seu convívio familiar e social, propondo um ensino pautado no USO-REFLEXÃO-USO. Tal documento, “caracteriza um movimento metodológico de AÇÃO- REFLEXÃO-AÇÃO, em que se pretende que, progressivamente, a reflexão se incorpore às atividades linguísticas do aluno de tal forma que ele tenha capacidade com eficácia de monitorá-las” (BRASIL, 2001, p. 48).

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada, os participantes investigados deste estudo, além das etapas de construção como proposta de intervenção no ensino de língua portuguesa, no sentido de mostrar a diversidade que se dá por diferentes fatores, já mencionados acima, como: regionais, etários, sociais, econômicos, entre outros, para assim conscientizar os alunos de que há uma linguística que passa pelo conhecimento da variação.

Neste capítulo, relatamos ainda a nossa intervenção junto aos alunos que se realizou a partir de diversas atividades, através das quais buscamos fazê-los refletir sobre a língua em seu uso. Nossas atividades de intervenção foram planejadas a partir da necessidade de intervir

sobre a forma de conceber as aulas de Língua Portuguesa nas séries iniciais, passando por atividades que realmente levem os alunos a refletirem sobre a língua e o preconceito existente para com determinados usos.

Procuramos levar o aluno a identificar as diferentes variações apresentadas e os fatores que favorecem essa variação. Além disso, possibilitamos aos alunos uma oportunidade de entendimento e valorização das diferentes formas da linguagem levando-os à consciência linguística das variações presentes no meio. Nesse sentido, neste item apresentamos uma análise dos dados obtidos através das nossas ações.

No terceiro capítulo, há registros das nossas análises e resultados da pesquisa, como também das reflexões sobre as atividades realizadas em relação aos objetivos propostos e ao nosso referencial teórico.

No capítulo destinado às considerações finais, apresentaremos nossa conclusão a respeito dos objetivos propostos, verificando se a partir das atividades colocadas conduzimos os alunos à reflexão sobre a língua e sua variação.

1. VISÕES DA LINGUÍSTICA E A APLICABILIDADE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Desde os primórdios, a história da humanidade registra a necessidade de comunicação entre os homens. A partir dessa necessidade de comunicação foi possível a geração de diversos conhecimentos que refletem diferentes sentimentos, descobertas, anseios, e as memórias dos povos.

Entre as diversas teorias que tratam questões referentes ao ensino e à linguagem, optamos por desenvolver nosso trabalho baseado na teoria da Sociolinguística e sua aplicabilidade para o ensino da Língua Portuguesa, por considerar a importância da utilização dos conceitos trabalhados por esta ciência no campo educacional. A Sociolinguística Variacionista será referencial no desenvolvimento do nosso trabalho uma vez que ela tem como objeto de estudo a língua observada dentro do contexto social, partindo do princípio da heterogeneidade da língua. De acordo com Bagno,(2007, p.38), “O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente social. Língua e sociedade estão indissolvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”.

Fundamentamos nossa proposta também nos estudos de Bortoni-Ricardo (2005, 2008) e Bagno (2005, 2007), que fornecem suporte para a proposta de trabalho com a variação da língua em sala de aula, esses autores destacam a sua importância no combate ao preconceito linguístico. Buscamos também orientação nos PCN da Língua Portuguesa, uma vez que baseados nos pressupostos da Sociolinguística propõem um ensino voltado para a reflexão sobre as variações linguísticas.

Os autores estudados, através de suas argumentações, trazem significativas contribuições para nosso estudo, uma vez que tratam a língua em seu contexto social. As contribuições de Bortoni-Ricardo (2005; 2008) e Bagno (2005; 2007) nos permitem formar uma visão da variação linguística no Brasil, onde indivíduos que apresentam uma forma linguística que difere da variante padrão são estigmatizados. Os autores também contribuem no sentido de esclarecer sobre a importância da variação e o preconceito que ainda existe sobre elas.

No que se refere à relação estabelecida entre os estudos sociolinguísticos e o ensino da Língua Portuguesa em nossas escolas, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. E mais que essas que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO 2005, p. 15).

Concordamos com a autora, a língua é rica e dinâmica e nossas aulas de língua materna podem e devem ser o ponto de partida para o trabalho com a variação e o combate ao preconceito linguístico.

Os PCN também se constituem em um documento com orientação para que o professor possa pautar sua prática. Este documento destaca:

(...) o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente (BRASIL, 2001, p. 49).

Assim, a escola deverá ser o ambiente no qual o aluno se expressa por meio de sua língua, revela sua identidade linguística, desenvolve sua competência comunicativa, acolhendo as diferenças. Nesse ambiente, deve ser proporcionado ao aluno momentos de reflexão e conhecimentos, que favoreçam ao entendimento sobre os diferentes usos da língua compreendendo que o contexto de comunicação está relacionado a determinado uso.

No contexto dado pelos autores que nos serviram como embasamento teórico/metodológico, acreditamos que o estudo da Língua Materna deve ser conduzido de forma a possibilitar uma visão de língua na qual o preconceito não faça parte. Nesta perspectiva, nas aulas de Língua Portuguesa, ganha importância a necessidade de se respeitar e aceitar o diferente. Assim ensino e letramento estarão associados, pois na visão do letramento, as múltiplas formas de linguagens são legitimadas em seu uso, ensino é construção de conhecimento de mundo.

1.1. A Linguística da língua e a Linguística da fala

A linguagem é algo fundamental à existência do ser humano, assim, a busca por entendê-la é uma preocupação desde muito tempo. Desta forma, não poderíamos deixar de

tecer considerações sobre o processo de aquisição da linguagem, fato este que tem, ao longo dos tempos, despertado o interesse de diversos estudiosos e pesquisadores os quais tem dado significativas contribuições às diferentes áreas das ciências humanas através das diversas teorias formuladas que buscam explicar o funcionamento da língua.

Entre as teorias sobre o estudo da linguagem podemos destacar: o Behaviorismo, o Gerativismo, o Cognitivismo e o Interacionismo. Todas estas teorias deram grandes contribuições sobre o entendimento da linguagem humana. Referente às diferenças apresentadas entre essas teorias Gomes (2009) afirma que

A discussão se baseia nas duas formas de pensar a aquisição da linguagem. Uma entende que a linguagem é uma dotação genética do ser humano, e outra que é um processo que se adquire através do contato com o ambiente. Cada corrente de pensamento, radical ou levemente, tenderá para uma das suas correntes de pensamento (GOMES, 2009, p. 23).

Todas estas correntes contribuíram de forma significativa para a linguagem através de suas considerações na busca de entendê-la e explicá-la, forneceram subsídios para uma análise e uma aplicação no contexto das ciências humanas. Ao fazer um parêntese para a questão da aplicabilidade destas teorias no contexto escolar, destacamos a influência destas no ensino da língua materna.

Quando o professor adota uma prática em que a aprendizagem acontece por meio da transmissão de conhecimentos, exposição oral dos conteúdos selecionados e das suas ideias aos alunos, cabendo a estes apenas assimilar e reproduzir o que foi “estudado” nas aulas, sendo assim um ser passivo, está, desta forma, tornando a sua prática muito próxima do pensamento dos behavioristas. Nessa perspectiva, cabe ao professor recorrer ao reforço para alcançar o objetivo junto aos alunos, elaborando exercícios pelos quais o aluno não realizará grandes esforços para reflexão. Não podemos deixar de mencionar, porém, que na atualidade, muitas escolas têm buscado inserir uma postura sociointeracionista no processo ensino-aprendizagem, levando o aluno a aquisição do conhecimento a partir de uma prática na qual os vários conhecimentos são considerados.

Todas as teorias que tratam do processo de aquisição e aprendizagem da linguagem, apresentam algumas diferenciações entre si. Porém, o que de fato pode se constatar, é que todas elas têm preocupação em explicar o funcionamento e importância da linguagem, pois é pela prática desse exercício que o ser humano vai estabelecer relações com a sociedade. É possível, desta forma, afirmar que língua e sociedade não podem ser vistas de forma isolada e, sim, observadas dentro de um mesmo contexto.

O interesse pela linguagem humana, como já mencionado, é algo que existe desde os primórdios da nossa história e que vem evoluindo através de diversos estudos realizados. Fiorin (2012) afirma: “O interesse pela linguagem é muito antigo, expresso por mitos, lendas, contos, rituais ou por trabalhos eruditos que buscam conhecer essa capacidade humana. Retomam ao século IV a.C. os primeiros estudos” (FIORIN, 2012, p. 12). Mas é a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure que a Linguística vai assumir seu papel como ciência da linguagem. As suas contribuições foram significativas e suas elaborações teóricas favoreceram o desenvolvimento da linguística como ciência, porém, nem sempre esta disciplina foi feita da forma como hoje é concebida. Ainda de acordo com Fiorin (2012):

Antigamente, a Linguística não era autônoma, submetia-se às exigências de outros estudos, como a lógica, a filosofia, a retórica, a histórica, ou a crítica literária. O século XX operou uma mudança central e total dessa atitude, que se expressa no caráter científico dos novos estudos linguísticos, que estarão centrados na observação de fatos de linguagem. O método científico supõe que a observação dos fatos seja anterior ao estabelecimento de uma hipótese e que os fatos sejam examinados sistematicamente mediante a experimentação e uma teoria adequada (FIORIN, 2012, p. 13).

A Linguística, enquanto ciência, nos é apresentada por Saussure (1969) que se volta para o estudo da linguagem verbal humana descrevendo o seu objeto, a língua, através de duas perspectivas: a sincrônica, ou seja, onde o estudo da língua está voltado para um momento específico e a diacrônica, onde a língua vai ser estudada através dos tempos. Do ponto de vista sincrônico, este estudo se dá a partir de determinado aspecto, ao passo que os estudos linguísticos na perspectiva diacrônica têm seu foco voltado para as mudanças que ocorrem através da evolução dos tempos.

Entre as correntes da Linguística, destaca-se o Estruturalismo e a partir do Estruturalismo, proposto por Saussure (1969) diversas outras teorias buscam explicar a língua, divergindo em alguns aspectos, porém podemos dizer que todas estas deram sua contribuição no que se refere ao estudo da linguagem verbal humana.

A Linguística de Saussure estudou os fenômenos da língua, cujas contribuições muito favoreceram ao seu desenvolvimento como ciência, sendo ela empírica, pois em seus estudos trabalha-se com fatos verificados através da observação.

Saussure (1969), através de seus estudos, trouxe significativas contribuições para o campo da linguagem, porém deixou uma lacuna, ao definir como objeto de estudo a língua não considerando os seus falantes nem a forma como a língua se apresenta em determinados contextos de uso. Por conta dessa lacuna, outras teorias começam a tratar da fala, entre elas, a

Sociolinguística ciência que vai dar um novo viés ao estudo da linguagem, ao tratar a língua em sua heterogeneidade, priorizando a fala e os fatores de mudanças linguísticas, considerando o social e o contexto de uso.

Para entendermos melhor o pensamento dos sociolinguistas citamos Bagno (2007):

Ora, como todo fato humano, e a respeito da abordagem iminente, a língua só existe em uso – e, portanto, na história. Cada uso da língua, cada uma de suas variações e até mesmo cada ato individual de fala, é, nesse sentido, um acontecimento, exatamente como aqueles outros que, por sua importância cultural, viram notícias ou se tornam marcos históricos (BAGNO, 2007, p. 12).

Assim a Sociolinguística surge como parte da Linguística que estuda a língua, a cultura e a sociedade, uma vez que estes três fatores estão para ela, diretamente relacionados. No item seguinte há registros de como se desenvolveram esses postulados teóricos.

1.2. A sociolinguística variacionista

A partir do século XX, constatamos uma mudança nos estudos da linguagem, quando estes passam a direcionar seus interesses para a questão da língua em seu uso. Nesse contexto, a Linguística começa a fazer articulações com outras áreas de estudos como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Semiótica, entre outras.

Nessa direção a Sociolinguística Variacionista propõe que a língua seja estudada a partir de determinantes não apenas linguísticos, mas também sociais. Esta ciência:

(...) considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais (MOLLICA & BRAGA, 2012, pp. 9-10).

Passamos a tecer agora algumas considerações sobre a Sociolinguística Variacionista, que surge como área específica da Linguística buscando estudar a língua na perspectiva da sua interação com a sociedade, afinal para ela, a linguagem é considerada um fator social, sendo de seu interesse estudar e entender o uso da fala, considerando a relação língua/sociedade. Na perspectiva da Sociolinguística, o uso da língua se dá de diferentes formas, estando diretamente relacionada ao seu contexto. Seus estudos buscam reconhecer as diferentes formas de uso da língua na busca por tornar o sujeito linguisticamente contextualizado.

A Sociolinguística Variacionista detém grande esforço em entender e explicar a variação linguística dentro de padrões sociais/culturais/históricos/etários, nunca estabelecendo conceitos do que é certo e do que é errado no que se refere à linguagem. Assim sendo, Os sociolinguistas substituem os termos “certo” e “errado” pelos termos “adequado” e “inadequado”. Para Gomes (2009), a Sociolinguística

Lida com as relações entre linguagem e sociedade e com os fenômenos das mudanças lingüísticas, buscando mostrar os problemas da variação lingüística e da norma culta. A Sociolinguística trata a língua em suas variedades, descrevendo os fatos lingüísticos, sem avaliação do que é certo ou errado, já que, qualquer que seja a variedade lingüística utilizada, ao servir para a comunicação entre as pessoas, ela é legítima (GOMES, 2009, p. 36).

Bagno (2007), oferece significativas contribuições nas formas de conduzir o ensino da Língua Portuguesa, aponta para a necessidade de se estudar a língua associada ao contexto social de cada indivíduo. Também faz referência a este aspecto, quando se refere aos objetivos da Sociolinguística, assim o diz:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade lingüística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, etremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguísta, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram de que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si e por meio da linguagem (BAGNO, 2007. p. 38).

Essa afirmação permeia todo o pensamento da Sociolinguística Variacionista, levando a reflexões sobre a língua como instrumento de comunicação usada por todos os integrantes da mesma comunidade. Como prática humana, a língua vai ser instrumento através do qual cada ser apresenta-se na sociedade e revela seu grupo. Assim é claro que o objetivo maior da Sociolinguística Variacionista é estudar a língua em seu uso, dentro de um determinado contexto. Cada contexto direciona os fatores da variação pertinente como mostra o item seguinte.

1.2.1. Fatores da variação linguística

Os diversos falares expressos em nossa sociedade remetem-nos ao fato de que a nossa língua não é uniforme, ela se apresenta de forma diferenciada de acordo com o meio

sociocultural de cada pessoa, como também de acordo com a região em que cada sujeito está inserido. A essa diferenciação chamamos de variação linguística. Isto é facilmente constatado quando observamos a fala de uma pessoa que mora, por exemplo, no Rio de Janeiro e outra que mora na Bahia. Também podemos verificar esta variação quando observamos a fala de uma pessoa que mora na cidade grande e outra que mora na zona rural de determinadas cidades. Entre outros exemplos, poderíamos expressar ainda as diferenças na fala de pessoas oriundas de classes sociais diferentes. É certo que cada pessoa possui a sua forma de falar e que esta é associada ao seu meio.

Os professores necessitam entender e fazer os alunos entenderem que a língua é dinâmica e essa dinamicidade se dá em consequência das sucessivas transformações. A função da escola é intermediar a aprendizagem da variante de prestígio, pois é um direito do aluno. Porém, como já mencionamos, para isto não precisa desconsiderar outras variações como: dialetos que são variações faladas por comunidades geograficamente definidas; socioletos, que são as variações faladas por comunidades socialmente definidas; idioletos, que são a variação própria de cada pessoa; etnoletos, variação de um grupo étnico, estas variações demonstram as diferenças geográficas ou sociológicas em uma mesma comunidade de fala.

Ao falarmos em variação linguística, não poderíamos deixar de tratar dos campos sociolinguísticos que compõem essa variação que seriam: diatópica, diafásica, diastrática, diacrônica, diamésica. Essa abordagem é necessária para que possamos entender as atividades desenvolvidas na nossa intervenção, apresentadas no capítulo III. Passemos a abordar resumidamente as características de cada uma e a forma como podem ser identificadas no contexto social. Para esta abordagem tivemos como referencial Bagno (2007).

A variação diatópica (do grego *topos* = lugar) é aquela variação que ocorre em função do local, é a variação regional. Nessa variação a língua é falada dependendo da região, ou seja, é aquela variação que vai ocorrer em função do espaço geográfico de onde o falante é originário, por exemplos: o sotaque do carioca, do paulista, do paraibano etc. A escola não pode deixar de priorizar esta variação, uma vez que em suas salas de aula abriga indivíduos de diferentes regiões, que vão expressar suas marcas linguísticas, própria do seu meio.

A variação diafásica (do grego *phasis* = fala) é aquela que ocorre em situação de fala. O falante vai mudar a sua fala dependendo do ambiente que ele se encontra se é um ambiente formal ou informal. Esta variação vai estar relacionada à situação de comunicação.

Ressaltamos aqui o idioleto que é a maneira própria de cada falante utilizar a língua que é adaptada às circunstâncias. O aluno geralmente não tem consciência da fala adequada às situações de uso, a escola deve promover em sua prática esta consciência de adequação.

A variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível) vai estar relacionada aos grupos sociais, às comunidades, como por exemplo, a linguagem utilizada por grupos de jovens, por advogado, etc. esta variação vai depender de fatores como escolaridade, profissão, modos de falar que correspondem a código de comportamento de determinados grupos sociais. É comum, jovens mostrarem atitudes de preconceito, ao conviver com grupos sociais diferentes, mostrar essa variação é mais uma oportunidade que a escola tem de levar o aluno a refletir sobre a língua.

A variação diacrônica (do grego *dia* + *kronos* = ao longo de + tempo) é aquela variação que vai ocorrer em função do tempo, as mesmas pessoas do mesmo grupo social vão mudar o seu falar com o decorrer do tempo. Essa variação pode ser tratada na escola quando o professor leva o aluno a perceber a diferença na fala das pessoas mais velhas na sua comunidade.

Ainda podemos destacar a variação diamésica, que são aquelas variações que ocorrem a partir de mudanças na modalidade oral/escrita. A oralidade apresenta determinadas características que a faz diferente da escrita, assim essa variação se caracteriza pela diferença entre a língua falada e escrita.

Além de todas estas categorias apresentadas acima, o estudo da heterogeneidade da língua deve contemplar “as múltiplas redes de relações sociointeracionais de que participam os falantes” (Faraco, 2008, p. 38). Esta compreensão acerca da variação é fundamental para que possamos entender nosso estudo.

É certo que a língua tem seu aspecto variável e este muitas vezes não é considerado no ensino da língua materna, comumente sem tem a ideia de língua pautada na normatização, na apresentação de regras impostas ao falante. Ao fazermos esta abordagem, não poderíamos deixar de lembrar os oito mitos do preconceito linguístico apontados por Bagno(2005). Estes mitos levam a uma reflexão mais profunda sobre o preconceito linguístico que é tema central da nossa pesquisa.

1.2.2. Bagno e os oito mitos do preconceito linguístico

Bagno (2005), em relação à língua, aponta os oito mitos, para os quais ele chama de mitos do preconceito linguístico, neles o autor busca desconstruir a ideia de que a Língua Portuguesa, como dita por muitos, é difícil de aprender, e de que ela é homogênea. Tem assim como objetivo desconstruir asserções sobre a língua portuguesa, apontando os oito mitos relacionados a seguir:

Mito nº1- “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”.

Ao tratar de preconceito linguístico, este é considerado o maior mito, pressupõe que o português falado no Brasil é um só, neste contexto não cabe espaço para a variação. Este mito está no ensino de português ensinado nas escolas que seguem a Gramática Normativa. Mesmo em um país com tantas diferenças como o Brasil que ao longo dos tempos teve influência de diversas culturas, um país com tantas diferenças regionais, ainda está muito presente em nossas escolas a concepção de que a Língua Portuguesa apresenta unidade.

Entendemos que é necessário que se abandone o mito da unidade da Língua Portuguesa, para incluir, em sua prática, indivíduos que compõem a população marginalizada que fazem uso da variação que difere da norma padrão. Que por sua vez, passam a construir a ideia de que são incapazes de dominar o conhecimento da sua própria língua.

Mito nº 2- “Brasileiro não sabe português/ Só em Portugal se fala bem português”

Bagno (2005, p. 20) chama de “duas faces de uma mesma moeda enferrujada” que “refletem o complexo de inferioridade” advindo desde o Brasil Colônia. Neste mito, não cabe espaço para a cultura com a qual o povo brasileiro conviveu durante seu processo de colonização não considerando as questões sociais que envolvem o uso da língua. É necessário termos consciência da diferença entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal. Bagno (2005, p. 30) também afirma “É o nosso eterno trauma de inferioridade, nosso desejo de nos aproximarmos, o máximo possível, do cultuado padrão “ideal”, que é a Europa”.

Mito nº 3- “Português é muito difícil”

No trabalho com a gramática, os alunos são conduzidos por um ensino pautado na fixação de regras, sem contextualizar e sem sentido. Assim o português será sempre considerado difícil. Não considerando a língua viva.

Bagno (2005, p. 36) cita como exemplo o caso da regência verbal no verbo assistir. O aluno pode escrever inúmeras vezes a frase “Assisti ao filme” dentro da sala de aula, mas fora

dela, usará a forma “Assisti o filme”. Neste aspecto convém esclarecer que se novas didáticas forem incorporadas para apresentação da língua, de forma a contemplar os aspectos variáveis, o português não será mais considerado um “bicho papão”, passará a ter sentido na vida social de cada aluno.

Mito nº 4- “As pessoas sem instrução falam tudo errado”;

Este mito revela no nosso entender que o preconceito linguístico se revela como um preconceito social, e, mais uma vez, a língua não será considerada em seu caráter heterogêneo.

Bagno (2005) explica que, muitas vezes, o preconceito não existe contra as variações da língua usadas pelas pessoas marginalizadas da sociedade por si só, mas sim contra as próprias pessoas e, por extensão, contra a “língua” por elas utilizada. Parafraseando Faraco (2008), quando se pretende atacar uma pessoa geralmente se usa a língua para fazê-lo, pois se acredita que através desta prática poderá se diminuir o outro que não domina a norma padrão da língua.

Mito nº 5- “O lugar onde melhor se fala o português no Brasil é no Maranhão”.

Este mito se fundamenta pelo uso do pronome tu, muito usado no Maranhão, o que não acontece em outros estados do Brasil, onde este pronome foi substituído por você. Sobre isto Bagno (2005, p. 47) afirma: “Toda a variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam”.

Mito nº 6- “O certo é falar assim porque se escreve assim”;

Percebemos uma supervalorização da escrita em lugar da fala, seguindo uma tendência a ensinar que se deve falar como se escreve. Mais uma vez a imposição de uma gramática normativa, propondo um ensino descontextualizado, onde a variação da fala não é considerada e a língua passa a não ser considerada em seu aspecto dinâmico, como língua viva.

Mito nº 7- “É preciso saber gramática para falar e se escrever bem”;

Bagno busca mostrar a inverdade deste conceito, pois existem vários exemplos que nos mostram o contrário. Um desses exemplos é que, se essa afirmação fosse verdadeira, todos os gramáticos seriam excelentes escritores, e vice-versa.

Mito nº 8- “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”;

O mito nº 8 se relaciona com o primeiro mito, ambos estão relacionados com questões sociais. Podemos concluir que este mito considera que só a norma culta tem valor na sociedade. Este pensamento expressa um preconceito em relação às outras variações da

língua. Se esta afirmação fosse verdadeira, os professores de português estariam no topo da esfera social, econômica e política.

1.2.3. Variações linguísticas e o contexto escolar

O professor, ao conhecer a Sociolinguística Variacionista, saberá que o papel a desempenhar não é fácil. De um lado a sociedade vai cobrar-lhe o ensino tradicional pautado em uma Gramática Normativa, baseada na apresentação de regras, por outro lado, os próprios PCN apontam para a necessidade de mudança no trabalho com a Língua Portuguesa, sugerindo caminhos através dos quais a escola deve nortear as suas ações pedagógicas. Nesse direcionamento está contido o trabalho com os diferentes falares. Assim é notório que todo ensino deve ser pautado na análise e na reflexão, para, a partir daí, o educador saber o que usar, como usar, e em quais circunstâncias, para que se cumpra o real entendimento do funcionamento da língua.

Trabalhar a variação linguística na escola não é uma tarefa fácil, parafraseando Cagliari (2009) uma vez que se linguisticamente não existe o certo e o errado, existe sim o diferente, porém no que se refere às questões sociais, as coisas não acontecem dentro desta visão, por exemplo, podemos citar o falar caipira bem explorado por Cagliari (2009):

(...) falar usando o r caipira não mostra nada de bom ou de ruim do ponto de vista da estrutura fonológica da língua. Porém, se alguém falar desse modo no Rio de Janeiro, provavelmente será objeto de zombaria ou terá ou terá prejuízos sociais, por exemplo, não sendo aceito para um emprego que o obrigue a lidar com o público carioca (CAGLIARI, 2009, p. 41).

Mesmo não havendo nada de errado com o falar caipira do ponto de vista da língua em uso, da comunicação, a sociedade vai cobrar do indivíduo que apresentar essa variação a linguagem considerada padrão, sendo ele estigmatizado por não fazer uso desta.

É certo que a variação linguística é constada em qualquer comunidade de fala, revelando fatos da vida social de cada indivíduo. Esta constatação remete-nos a pensar nas diversas formas de uso dos falares, os quais vão atribuir prestígio a uns e gerar discriminação a outros e tem levado muitos educadores, verdadeiramente comprometidos com a educação, a terem um pensamento reflexivo sobre até onde o processo de ensino da língua materna pode alterar esse panorama de exclusão, que se dá em função do uso da língua ou contribuir para sua afirmação. Assim, com base nos propósitos apresentados pela Sociolinguística, podemos analisar os laços que unem as variedades linguísticas ao ensino da língua materna em nossas

escolas, e o papel da escola no desenvolvimento do aluno no que se refere à ampliação do seu potencial enquanto ser falante. Neste aspecto, Bortoni-Ricardo (2005) postula que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem consciente de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. É mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem pra forma-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Refletindo sobre o pensamento acima, concordamos com a autora sobre a necessidade de um ensino da língua materna que estabeleça relação com as variedades que a língua apresenta na perspectiva social e cultural de cada individuo. Desta forma, sociedade e linguagem devem ser um foco na prática pedagógica. Mas, o que temos na maioria de nossas escolas, no que se refere ao ensino da língua portuguesa, é um ensino tradicional com uma super valorização da apresentação da norma padrão para o uso da língua. É evidente que a proposta dos sociolinguistas em relação ao ensino que contemple as variações da língua, deve ser considerada na escola com objetivo de tornar seus alunos conscientes das formas de uso, ampliando seu repertório. Gomes (2009) acrescenta que

Temos a língua portuguesa como entidade social que todos nós brasileiros, adquirimos como falantes nativos e que a nós pertence, como nos pertence a identidade de sermos brasileiros. É essa identidade que nos faz cidadão de pleno direito nesse país. Contudo em um país com dimensões continentais, com uma rica diversidade cultural, mas com enorme diferenças sociais, os falares também se realizam de formas plurais (GOMES, 2009, p. 65).

Diante dessa afirmação, como educadores, temos o desafio de desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes no que se refere à variação linguística, ao preconceito social e linguístico, buscando ações realmente comprometidas com o crescimento do aluno em todos os sentidos, entre eles, o conhecimento do uso da língua. Paraphraseando Antunes (2007), a língua é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. O desenvolvimento de práticas educativas voltadas para o trabalho com a variação linguística na escola, torna-se cada vez mais relevante, para que o aluno possa tornar-se realmente um cidadão reflexivo em relação à língua.

Oportunizar aos alunos a aprendizagem da norma padrão, sem desconsiderar as outras variações, é um desafio que temos em nossas salas de aula, é comum sentirmos receio, em adotar tais práticas, mas é necessário. Amparado pelas orientações dos PCN e nas

contribuições dadas por vários autores (BAGNO, 2005; 2007), BORTINI-RICARDO (2005; 2008), entre outros, passamos aceitar esse desafio para que a mudança no ensino da língua portuguesa realmente aconteça. Certo é que devemos respeitar a forma de falar que cada sujeito apresenta sem, contudo, negar a estes o direito de aprender as variantes de prestígio. Este ensino será um instrumento, que o capacitará a exercer melhor a sua cidadania.

Nesse aspecto, nós, professores responsáveis pelo ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais, comprometidos com um ensino que leve o educando ao exercício pleno da cidadania, que faça uso dos seus conhecimentos na sociedade e que seja livre de qualquer preconceito, entre eles o linguístico, devemos pautar nossas ações em um trabalho livre de preconceitos em relação à variação linguística.

Mais uma vez citamos Bagno (2005), ao apresentar os oito mitos presentes no ensino da Língua Portuguesa o qual chama de “mitologia do preconceito linguístico” (BAGNO, 2005, p. 13). Nele o autor destaca entre outros mitos o primeiro, já mencionado anteriormente: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 2005, p. 15). Se nossas escolas apresentam esse pensamento comungando com ele, fica evidente que vai apontar o caminho para o preconceito, uma vez que os falantes que apresentarem uma linguagem diferenciada daquela privilegiada serão discriminados por conta do desconhecimento da diversidade linguística brasileira. Ainda citando Bagno (2005): “A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento” (BAGNO, 2005, p. 117). Bagno (2005) diz que “uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta” (BAGNO, 2005. p. 130).

No convívio com sua família, com seu meio social, a criança adquire a sua língua e com ela chega à escola, pois o sujeito internaliza seu modo de falar de acordo com o meio no qual está inserido. Então não se pode dizer que a criança não conhece a língua. Certo é que ela possui uma língua adquirida sem nenhuma instrução formal. Assim, em sua fala, a criança vai apresentar todas as expressões e palavras com as quais ela convive em seu meio e irá utilizá-las em suas comunicações, em seus diálogos em sala de aula. Cabe, portanto, à escola intermediar a aprendizagem da variante de prestígio.

É certo que, numa aula de língua materna, deve existir muito mais que o ensino de regras e apresentação de gêneros textuais, esses devem ser um ponto de partida, através do qual, cada sujeito possa entender a sociedade. Daí a necessidade de se entender a realidade das crianças para a condução das aulas de língua materna e a partir dessa realidade descobrir

novos caminhos a serem adotados. É preciso entender os significados do que vem a ser o padrão formal e informal quando nos referimos à Língua Portuguesa, uma vez que o padrão formal vai ser ligado à forma da linguagem restrita às normas gramaticais, exercendo soberania sobre as demais formas apresentadas. Ao passo que o informal se caracteriza por ser de menor prestígio. De acordo com Antunes (2007),

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é visto como erro (ANTUNES, 2007, p. 23).

A dicotomia estabelecida entre o ensino que a escola tem privilegiado ao longo do tempo, ou seja, a língua padrão e a língua que cada indivíduo traz ao chegar à escola, a qual reflete o seu contexto sócio/econômico/cultural, deve ser refletida, pois ao valorizar a língua padrão de forma institucionalizada, a escola suprime e ignora todas as experiências vividas até então pelo educando. Este fato tem causado, cada vez mais, nos alunos, o receio de se expressar, pois, preocupados apenas em copiar e decodificar nutrem um sentimento de inferioridade quando não apresentam o nível padrão esperado.

Como resultado de tantos equívocos, temos assistido nascer em nossos educandos pavor às aulas de português. É comum ouvirmos dos nossos alunos: “não gosto de português”, “não sei nada de português”, “português é difícil de aprender”. Essas afirmativas são, na verdade, uma forma que os alunos encontram para dizer o quanto a exigência da norma padrão e o sufocamento da variante que trazem quando chegam à escola causam-lhes desconforto.

Acreditamos, pois, na importância que aulas de Língua Portuguesa, nas séries iniciais, têm para toda a vida escolar do indivíduo. Sentimos a necessidade de práticas pedagógicas que contemplem o estudo da língua em seu contexto de uso. Mas chamamos a atenção de que não se trata de substituir uma forma de falar por outra e sim de adequá-las. Nesse sentido o ensino da Língua Materna deve ser pautado na reflexão. Razão pela qual a seguir discutiremos questões relacionadas ao preconceito linguístico.

1.2.4. O preconceito linguístico

Na gramática tradicional é possível verificar uma concepção de língua que desconsidera os falantes que não fazem uso dela. Como já mencionamos anteriormente, a escola tenta impor um padrão a ser seguido pelo aprendiz gerando discriminação e

preconceito nos que não fazem uso deste. Em tempos em que muito se fala em combate aos mais variados tipos de preconceito, o preconceito linguístico tem sido pouco discutido e combatido, em nossa sociedade, abordar este tema em sala de aula é um desafio de múltiplas esferas. Porém necessário para que a escola possa cumprir de fato seu papel como instituição que promove a educação no seu sentido mais amplo.

Ao falar sobre preconceito linguístico bem sabemos que não estamos tratando de algo novo, porém com certeza esse assunto ainda precisa ser abordado em nossas escolas. Mas afinal o que se caracteriza como preconceito linguístico? Como a escola pode tratar deste tema? Passemos, então, a entender melhor este termo. A palavra preconceito de acordo com o Dicionário escolar é: “Opinião ou idéia formada antecipadamente e sem reflexão nem fundamento razoável sobre alguém ou alguma coisa” (BECHARA, 2011, p. 1017). Pode ser interpretada como ter um conceito prévio sobre determinado assunto. Como o próprio nome já diz é o que vem antes do conceito. No caso de preconceito linguístico, parafraseando Bagno (2007), é a não aceitação do modo de falar do outro, discriminando o outro pelo seu modo de falar.

Sobre o preconceito linguístico Gomes (2009) faz a seguinte afirmação:

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como sistema rígido de leis a serem cumpridas, e que aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso (GOMES, 2009. p. 76).

Ocorre uma discriminação quando o falante não faz uso da norma padrão, tida como certa. É nesse aspecto que a escola deve assumir seu papel social e combater esse preconceito, pois é através dela que cada indivíduo vai ter o primeiro contato com a língua padrão, socialmente tida como a única que pode ser considerada certa. Será apresentada a ele a Gramática Normativa tradicional, a qual deve ser adotada por todos, mesmo que até aquele momento o aluno não tenha tido conhecimento dessa gramática e que conheça apenas as formas de falar expressas em sua casa e no seu meio social, passando assim a discriminar o que não está de acordo com essa Gramática Normativa. Mais uma vez ressaltamos que a escola não deve desprezar a norma padrão, em detrimento às demais, pois o aluno tem direito a conhecê-la. A escola deve sim mostrar que existem diferentes formas de falar, de dizer a mesma coisa, o aluno tem o direito de conhecer a norma padrão e de saber adequá-la às situações comunicativas. Isso deve ser visto de forma que nenhuma ação discriminatória

possa existir e que seja evidenciado o respeito às diferentes formas de se usar a língua. A esse respeito Bagno (2005) destaca:

Mas o preconceito, como bem sabemos, empregam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (BAGNO, 2005, p. 75).

Nossa atitude enquanto educador, que recebe, em suas salas de aula das escolas públicas, falantes de diferentes classes sociais, oriundos de diferentes espaços geográficos com condições socioeconômicas diversificadas, é promover uma educação que respeite as diferenças.

Pensamos que todo o ensino deve ser baseado na análise e na reflexão para a partir daí saber o que usar, como usar, onde usar, estabelecendo, assim, o funcionamento da língua. Referente a essas mudanças de atitude Bagno (2005) diz:

Enquanto essa gramática não chega, temos de combater o preconceito lingüístico com as armas de que dispomos. E a primeira campanha a ser feita, por todos nós na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima lingüística; recusar com veemência os velhos argumentos que visam menosprezar o saber lingüístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna (BAGNO, 2005, p. 115).

Refletindo sobre o trabalho da escola frente a esta realidade, é possível perceber que o professor geralmente tem interesse em fazer o aluno aprender a fala e a escrita padrão com base no que está certo e no que está errado, sem levantar uma discussão em torno da questão lingüística, nem dos fatores extralingüísticos. Isso ocorre devido ao fato de que sua formação escolar e profissional também foi pautada nessa concepção de aprendizagem da língua apenas do ponto de vista gramatical, com foco na Gramática Normativa.

Faremos então uma pequena abordagem sobre os termos utilizados em alguns estudos da variação lingüística como: norma culta e norma padrão, para tratar destes conceitos teremos como referência Faraco (2008), o autor ao definir norma afirma “É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos lingüístico (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são coerentes, costumeiros habituais numa dada comunidade de fala”. Neste conceito, norma está relacionada à variação que ocorre na língua e a normatização estabelecida em determinados grupos.

Neste aspecto é possível repensar a concepção de erro no que se refere ao ensino da língua materna, este aspecto constitui a complexidade de se estudar a Língua Portuguesa, e estudá-la de acordo com uma determinada norma dita como norma padrão. Dentro deste conceito de norma e da variação da língua, o que se constitui como norma culta? Faraco (2008), ao tratar do conceito de norma culta assim o diz: “ela seria a variedade de uso corrente entre os falantes com escolaridade superior completo, em situações monitoradas” (FARACO, 2008, p. 47). Neste contexto, parafaseando o autor, norma culta “seria a utilizada pelos indivíduos letrados, urbanos, que o fazem em situações de monitoramento da fala e da escrita” (FARACO, 2008, p. 71).

Ao abordar este conceito, o autor oferece uma rica contribuição para que se possa entender o trabalho com a variação linguística, e claro dentro deste trabalho, estudos que contemplem a apresentação da norma culta como mais uma variação da língua que permitirá ao indivíduo ampliação do conhecimento.

Outro conceito muito utilizado nos estudos da variação linguística está relacionado à norma padrão e seu uso nas escolas através das aulas de Língua Portuguesa, aqui convém realizar uma reflexão: o que representa na verdade este termo? FARACO (2008, p. 73) define: “É uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística”.

Podemos entender norma padrão como uma forma de normatização da língua através de regras, uma forma de padronização da fala e da escrita da Língua Portuguesa, um modelo linguístico ideal. Vejamos agora o que diz os PCN sobre a variação linguística.

1.3. Os PCN e a variação linguística

A língua passa por mudanças e toda mudança nos conduz a uma reflexão. Em se tratando da Língua Portuguesa não poderia ser diferente. Nesse sentido, os PCN já sugerem práticas educativas que trabalhem nessa perspectiva, a partir de propostas para o ensino da língua materna que contemplem o trabalho voltado para a reflexão sobre as variações presentes na sociedade. O professor de acordo com os PCN deve levar o aluno a uma aprendizagem que seja significativa, produtiva e desafiadora. Nessa perspectiva, a aprendizagem será significativa quando possibilita criar conhecimentos que tenham utilidades para a vida do indivíduo. Nessa visão não se pode desconsiderar as diversas formas de falar constatadas nos nossos alunos. Bortini-Ricardo (2005) sugere que “no Brasil, as diferenças

linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (BORTINI-RICARDO, 2005, p. 14).

Ainda com base no que expõe a autora,

A política educacional no Brasil tem insistido em ignorar as diferenças linguísticas que separam os estratos sociais no país. Nossa tradição confunde o conceito de unidade linguística, relacionada à própria situação de monolinguísmo, com o de homogeneidade, apoiando-se no mito da perfeita inteligibilidade entre brasileiros de todos os quadrantes. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.73).

É sabido que, em nossas escolas, evidenciamos uma diversidade de falares apresentadas por nossos alunos, não sendo possível ignorar este fato. É claro para nós também que a forma como o ensino da língua materna, como já mencionamos, vem sendo conduzida por muitos professores, que insistem em não ver a necessidade de mudança, vem falhando na condução do processo evolutivo e comunicativo dos nossos alunos. Mas, embora timidamente, a nosso ver já sejam apontadas mudanças nesse processo educacional, principalmente, no seio das nossas escolas têm sido geradas discussões sobre o tema variação linguística e ensino e sobre quais competências queremos desenvolver nos nossos alunos, além de reflexões sobre a forma como estamos conduzindo os objetivos pedagógicos no que se refere à competência comunicativa.

No que se referem ao papel da escola no ensino da língua portuguesa, os PCN orientam que

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige (BRASIL, 2001, pp. 32-32).

Ainda fazendo referência aos PCN, destacamos:

A Língua Portuguesa no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrente do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 2001, p. 31).

A variação é fator que não pode ser desconsiderado, para que se auxilie o aluno no seu crescimento, no desenvolvimento de sua competência discursiva. Quando o aluno passa a

avançar, a desenvolver um maior grau de letramento, vai gradativamente alcançando um maior conhecimento linguístico, podendo, dessa forma, saber qual variante usar, a depender do contexto e optar por um caminho a utilizar.

Podemos, então, concluir que o professor tem nos PCN uma proposta que vislumbra uma nova forma de conduzir o ensino da língua materna, de forma que o professor seja o fio condutor entre as experiências do aprendiz e a construção do conhecimento. A escola deve direcionar sua atuação para formar cidadãos capazes de se relacionar com qualquer grupo social sem nenhum tipo de preconceito e que saibam utilizar os diferentes usos da língua, adequando-os ao seu contexto de uso, pois em nossas salas de aula não temos apenas alunos, mas, sujeitos sociais.

Diante de todas as considerações, é necessário refletir sobre a heterogeneidade linguística e sua relação com o ensino da língua materna e o verdadeiro papel da escola na sociedade atual. Refletir também sobre o nosso fazer pedagógico diante da grande responsabilidade nessa importante tarefa de dar continuidade ao conhecimento que todo educando traz consigo ao chegar à escola sobre a língua materna. Adotando as orientações dos PCN, nós professores, portanto, não estaremos ensinando língua materna, mas mediando o crescimento, o desenvolvimento de cada indivíduo. Além disso, estaremos observando a variação e como esta se configura dentro da escola, correlacionada com os processos sociais.

Na nossa proposta de trabalho, apresentamos uma reflexão sobre as variações da língua, que tenha como foco um ensino voltado para a compreensão da importância de conceber essas variedades no modo de falar de nossos alunos, sem desprezar a norma não culta, trabalhando com situações de uso da língua, ou seja, nas situações comunicativas as quais esses falantes estão inseridos. Ou seja:

O problema do preconceito disseminado na escola em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livra-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar (...) (BRASIL, 2001, p. 31).

Nesse sentido, consideramos importante que através de ações pedagógicas possamos, além de desenvolver em nossos alunos o conhecimento, contribuir para sua formação fazendo-os refletir criticamente diante da sociedade, para que possam se tornar cidadãos livres de qualquer tipo de preconceitos. Possibilitar aos alunos essa formação é importante também, porque, como destaca Bortini-Ricardo (2005): “os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele dromi”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as

suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões” (BORTINI-RICARDO, 2005, p. 15).

Essa expressão traduz de forma clara a função da escola diante das variações linguísticas e por concordarmos como o pensamento expresso por Bortoni-Ricardo (2005), buscamos analisar a forma como as questões que envolvem a variação são tratadas, uma vez que elas fazem parte da nossa realidade. É preciso abrir as portas de nossas salas de aula e deixá-las entrar de forma natural. Acreditamos que, por meio desta postura, possamos trazer nossos alunos para mais perto do ensino da língua, uma vez que de acordo com Bagno (2005) os erros dos nossos alunos são tentativas de acerto. Concordamos com Bagno (2005), quando afirma: “Não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única, proposta pela gramática” (BAGNO, 2005, p. 142). É em consonância a esta perspectiva que buscamos trabalhar as variações existentes em sala de aula e dessa forma apresentar uma língua que seja interessante para o aluno. Aqui convém destacar os PCN (2001)

Supõe também um profundo respeito pelas formas de expressão oral trazidas pelos alunos, de suas comunidades, e um grande empenho por ensinar-lhes o exercício da adequação aos contextos comunicativos, diante diferentes interlocutores, a partir de intenções de natureza diversa (BRASIL, 2001, p. 50).

Em sua prática, o professor deve refletir sobre o uso da linguagem como expressão de pensamento, como forma de comunicação e interação, trabalhando junto ao educando a construção dos saberes, conduzindo a uma aceitação nas formas de falar de cada indivíduo. A questão de como ensinar a língua portuguesa vai ser assimilada por cada professor de forma gradativa, considerando as variações, sem que estas sejam rotuladas em piores ou melhores, como afirma Bagno (2005):

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português (BAGNO, 2005, p. 40).

Discutir o tema variedade linguística faz pensar na função da escola enquanto formadora, no seu papel social, ou seja, formar cidadãos que sejam capazes de atuar na sociedade como agentes sociais de transformação como constam nos PCN (2001),

As práticas educativas devem ser organizadas de maneira a garantir, progressivamente, que os alunos sejam capazes de: (...) utilizar a linguagem para expressar sentimentos, experiências e idéias, acolhendo, interpretando e considerando os das outras pessoas e respeitando os diferentes modos de falar (BRASIL, 2001, p.124).

Ainda em relação ao papel da escola, diante da variação linguística, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma: “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio destes, os alunos têm de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa.” Nessa perspectiva ganha destaque o trabalho e a formação do professor, que deverá conduzir suas práticas educativas de forma a considerar as variações, levando o aluno a adquirir consciência das variedades sem discriminar, sem estigmatizar nenhuma forma da variação, conhecendo, desta forma, a norma culta da língua materna. Neste contexto, os estudos linguísticos vêm contribuir para a concretização das práticas voltadas para o ensino da língua materna. Destacamos, então, as palavras de Bagno (2007) quando se refere às atribuições da linguística:

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho de reeducação linguística de seus alunos e de suas alunas. O que significa isto? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãs e cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 82).

Concordamos com o autor sobre a necessidade de se buscar um ensino que conduza o aluno a refletir e interagir com a sociedade de forma participativa. Nesta perspectiva, é necessário refletir sobre o tipo de cidadão que queremos em nossa sociedade, e baseados nessa certeza direcionar nossa ações pedagógica.

É certo que cada um de nós carrega seu próprio estilo no falar, de acordo com o meio no qual estamos inseridos. No entanto, muitas vezes, somos marginalizados quando não fazemos o uso da norma culta. É importante que possamos considerar as diferentes formas de falar inseridas no ambiente escolar. De acordo com os PCN, um dos objetivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental é: “conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado” (BRASIL, 2001, p. 41).

Consideramos que o problema não está na gramática, mas na forma como as escolas têm direcionado suas práticas docentes, supervalorizando a norma padrão sem conceber espaço para o trabalho com as variações da nossa língua. Assim é necessário refletir sobre a forma de se trabalhar e conceber “os erros de português” em sala de aula e também como lidar com as diferenças. Como já mencionamos, os PCN se constituem como um ponto de apoio,

cujo principal objetivo é orientar o professor para o desenvolvimento da sua prática, é uma referência para o ensino fundamental e médio, destacando como papel da escola formar sujeitos críticos, reflexivos, atuantes na sociedade. Acreditamos que isto também se aplica às questões linguísticas.

Como professora das séries iniciais, muitas vezes, me questiono quanto à forma de correção das atividades de produção oral e escrita dos alunos e a forma como eles lidam com as diferenças no falar em sala de aula. O que fazer para se minimizar o preconceito linguístico? Por que ensinar e o como ensinar? Estas devem ser questões significativas para todos os educadores.

Travaglia (1996) afirma que “não há bom ensino sem o conhecimento profundo do objeto de ensino e dos elementos que dão forma ao que ensinamos” (TRAVAGLIA, 1996, p. 10). Assim, acreditamos que o ensino da gramática normativa deve contribuir para que o educando seja capaz de fazer escolhas conscientes em relação ao uso da língua, considerando os contextos em que estão inseridos.

Ao abordar questões da língua, consideramos diferentes seres humanos, que estão inseridos dentro de uma sociedade, e nesse sentido, convém ressaltar as interferências dos meios de comunicação que nos remete a distinguir as diferenças como erros numa perspectiva da Gramática Normativa, tão presente em livros didáticos. É tarefa do professor estar atento às abordagens presentes nesses livros e adequá-las a sua realidade, consciente de que a língua é considerada um objeto histórico, sujeita a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço.

O ensino da Língua Portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio para melhorar a qualidade da produção linguística. É o caso, por exemplo, da gramática que é ensinada de forma descontextualizada, tornando-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano(...) (BRASIL, 2001, p. 39).

A escola deve estar atenta a esta realidade e, nesta perspectiva, analisar como as contribuições da sociolinguística podem fornecer subsídios para o educador atuar no âmbito das variações linguísticas. Esta investigação deverá contribuir, decisivamente, na prática do professor das séries iniciais considerando a autonomia do aprendiz no ambiente escolar. Em fim, optar por um caminho a seguir em sua prática com ações que valorizem a língua materna, considerando a sua influência no modo de falar do educando, considerando, ainda, as propostas de inclusão dos temas transversais que devem estar associados às ações pedagógicas e humanas.

É dever da escola e do educador cumprir o seu papel de democratizar e direcionar suas atividades pedagógicas com o objetivo de contribuir para a formação do cidadão pleno crítico e consciente. É necessário que a escola, por ser a principal responsável pelo processo ensino/aprendizagem, livre-se de qualquer atitude que esteja direcionada ao ensino pautado em questões que se enquadrem dentro dos padrões de certo e errado em relação à fala em seu contexto de uso, do melhor e do pior.

Neste capítulo buscamos de forma sucinta tratar da importância da linguagem para os seres humanos, como também abordamos as diversas teorias que tratam das formas como se dão seus processos de aquisição. Buscamos também abordar aspectos referentes à linguística da língua e da fala, neste contexto abordamos a Linguística Variacionista, as variações linguísticas e o contexto escolar. Também, algumas considerações sobre o preconceito linguístico e sua relação com as aulas de língua portuguesa foram tratadas. Por fim, fizemos considerações sobre os PCN e suas orientações para o trabalho com a língua materna no que se refere aos aspectos relacionados à variação linguística.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Apresentaremos um projeto de intervenção realizado em uma sala de aula de uma escola municipal localizada na cidade de João Pessoa/Paraíba. A turma participante dessa pesquisa são alunos da própria pesquisadora, isto de certa forma facilitou o trabalho realizado, uma vez que já temos certo conhecimento sobre os investigados.

A escolha deste estudo está associada à necessidade de contribuir para que o aluno possa adquirir uma maior consciência linguística, partindo do princípio de que nossas salas de aula são pura representação dessa variação. A escola precisa abordar essa questão como algo natural da língua, refletir sobre ela entendendo a necessidade de adequação, assim, a variação não mais será entendida como erro.

Para realizarmos a intervenção junto aos alunos do 5º ano, optamos como dito na introdução deste trabalho, por uma abordagem voltada para a Sociolinguística variacionista, uma vez que esta tem como fundamentação princípios que contemplam os aspectos sociais e culturais no trabalho com a língua materna, considerando a língua em sua interação com a sociedade.

Para concretização deste estudo, no sentido de atender as afirmações sobre o uso da língua no contexto comunicativo, partimos do princípio da heterogeneidade da língua e de que não existe o “certo” e o “errado”, mas, linguisticamente, o diferente. Optamos por desenvolver em sala de aula atividades através das quais os alunos pudessem refletir sobre a língua em uso. Através destas atividades realizadas por 20 alunos, buscamos conduzi-los à construção de novas significações. Para tanto adotamos ações como observação, registro das falas dos alunos, registros em diário de bordo, proposta de realização das atividades.

Ressaltamos que todas as atividades propostas têm como finalidade trabalhar a língua no sentido de prática social. Para a análise, utilizamos, além das observações das atividades realizadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, mostrar que, ao se estudar variação linguística em sala de aula, podemos promover mudanças na visão do uso da língua e combater o preconceito linguístico.

Durante o estudo, adotamos uma postura investigativa de cunho etnográfico e colaborativo sob o viés da pesquisa-ação. Pois, como afirma Bortoni-Ricardo (2008): “(...) a pesquisa etnográfica colaborativa tem por objetivo não apenas descrever, como no caso da etnografia convencional, mas também promover mudanças no ambiente pesquisado (...)” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.71).

Adotamos a pesquisa-ação uma vez que esta apresenta como características a participação das pessoas nos problemas pesquisados, aliada a uma ação destinada a resolver o problema em questão. Nela os sujeitos participam do estudo como elementos ativos. Através desta prática, o pesquisador poderá intervir na construção de novos saberes. Esses novos saberes, no estudo em questão, referem-se ao conhecimento das variações linguísticas presentes na sociedade, a heterogeneidade da língua, ao preconceito linguístico.

Também utilizamos a pesquisa de base qualitativa por ser esta uma forma de obter dados e permitir ao pesquisador, ao mesmo tempo, estabelecer relação com o objeto de estudo investigado. De acordo com Minayo (2011), “na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (MINAYO, 2011, p.63).

As referências bibliográficas utilizadas são de autores que corroboram com o que a Sociolinguística propõe no trabalho com a variação linguística. As leituras apontam o caminho para o trabalho com a variação, para que esta possa contribuir para o aprendizado e, conseqüentemente, auxilie o professor a desenvolver um trabalho voltado para a reflexão e as práticas educativas ao se ensinar a Língua Portuguesa nas séries iniciais.

Antes de ser iniciada a pesquisa, o projeto desta foi submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa (CEP/CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo sido aprovado por unanimidade na 9ª reunião, realizada em 17 de setembro de 2013, conforme parecer de número 410.421. Ter esta aprovação é importante, pois nos resguarda quanto às questões éticas da pesquisa, uma vez ser o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, o responsável pela avaliação, tanto ética como metodológica dos projetos submetidos à análise que, para tanto, envolvam pesquisas com seres humanos. O objetivo principal desse procedimento de submissão dos projetos é de resguardar e defender os interesses dos sujeitos participantes da pesquisa, mantendo, dessa forma, sua integridade e dignidade. Assim, as contribuições das pesquisas atendem aos padrões éticos de desenvolvimento¹.

Também buscamos viabilizar os procedimentos legais para a realização do estudo, ao entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais dos alunos e a direção da escola, para que estes tivessem conhecimento sobre o tema, objetivos, finalidade, bem como os procedimentos a serem realizados para o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula.

¹ Adaptamos esse trecho a partir da leitura das informações presentes no site do Comitê de Ética em Pesquisa/CCS/UFPB, disponível em: < <http://cepccsufpb.blogspot.com.br/>>. Acesso feito em março de 2013.

Os sujeitos da pesquisa são de grande relevância, por isso, contamos com a participação de 20 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que estão na faixa etária entre 10 a 15 anos. Ressaltamos que a turma é composta por 29 alunos, porém foram considerados para amostra apenas os que participaram de todas as intervenções. Estes sujeitos de acordo com dados investigados no questionário sociolinguístico são de famílias de baixo poder aquisitivo e convivem com pessoas de pouca escolaridade. Suas famílias são provenientes em maior parte do setor urbano.

Projeto de pesquisa regularizado e de posse dos documentos como Carta de aceite da Universidade Federal da Paraíba; carta de anuência; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, recorreremos em outro momento realizado em sala de aula, à utilização dos seguintes instrumentos para nosso estudo: um questionário direcionado pelo conteúdo sociolinguístico, que teve como objetivo investigar a origem dos alunos, sua faixa etária, escolaridade dos pais, profissão dos pais, gírias presente em seu meio. Também utilizamos como suporte exercícios envolvendo variação linguística, data show, vídeos, internet, e histórias em quadrinhos.

É necessário ressaltar que toda proposta de estudo pode apresentar riscos e benefícios, com esta não foi diferente. De forma que se correu o risco de acentuar o preconceito linguístico em relação às variantes que não se adequam à norma padrão. Porém acreditamos que a pesquisa apresenta benefícios aos envolvidos, ao oferecer condições de se olhar mais atentamente as diversidades presentes na sociedade, conduzindo a uma postura de respeito às variações linguísticas.

Esperamos que através das atividades e das reflexões aqui presentes, possamos promover maior interação, que possam amenizar o preconceito linguístico, ampliar a competência linguística, refletir sobre a língua e suas variações, justamente por entender a sua heterogeneidade e adequá-las às situações de uso.

Também buscamos como proposto nos PCN conduzir os alunos ao entendimento da língua a partir do ponto de vista do uso/reflexão/uso. Neste sentido, o uso é a fala usada pelo aluno no seu meio, esta fala por sua vez muitas vezes leva ao preconceito. Entendemos que, a partir de uma reflexão feita através das aulas de Língua Portuguesa, o aluno vai adquirir novos conhecimentos linguísticos e uma maior consciência linguística, passando então a agir de forma ética em relação à língua. Após a intervenção no ensino, o aluno vai ampliar seu repertório, podendo entender o fator intrinsecamente heterogêneo da língua, combatendo o preconceito na sociedade.

3. ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

A coleta de dados iniciou-se com uma conversa informal sobre as várias formas de falar presentes em diversos espaços sociais, através desta fizemos um esclarecimento do que seria tratado. Ressaltamos que toda esta conversa foi registrada em um diário de bordo. Em seguida foi feita a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aos pais e à gestão da escola, De posse do TCLE, se deu a realização do questionário sociolinguístico para conhecer o perfil do aluno, em seguida foi realizada a aplicação das atividades, que contemplam o tema abordado.

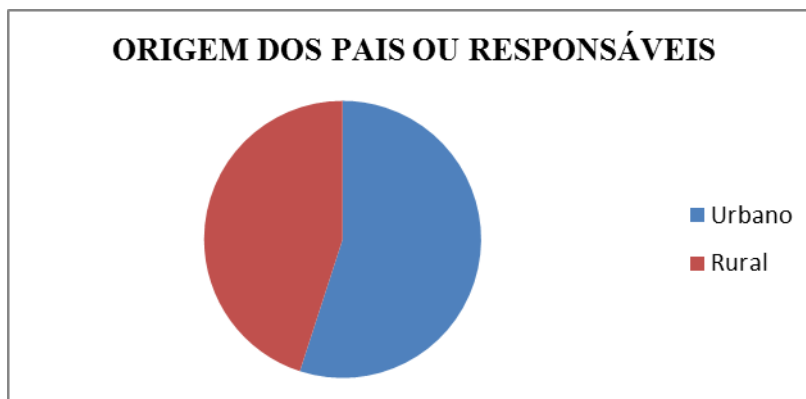
Inicialmente, elaboramos e desenvolvemos uma sequência didática em que as atividades foram elencadas. Esta sequência foi desenvolvida contemplando 5 atividades distribuídas em 7 aulas de aproximadamente 50 minutos. As atividades de intervenção se deram no período de 18 de julho a 19 de agosto de 2013.

As atividades propostas foram desenvolvidas seguindo as etapas descritas a seguir.

1º MOMENTO

Realizamos o levantamento do perfil dos alunos por meio de um questionário sociolinguístico, com o objetivo de fazer um levantamento do perfil dos sujeitos participantes da pesquisa no que se refere à idade, situação econômica, procedência, escolaridade dos pais ou responsáveis. A utilização do questionário se justifica por ser um meio através do qual poderemos conhecer melhor a realidade do aluno. Apresentamos a seguir os gráficos elaborados a partir do questionário

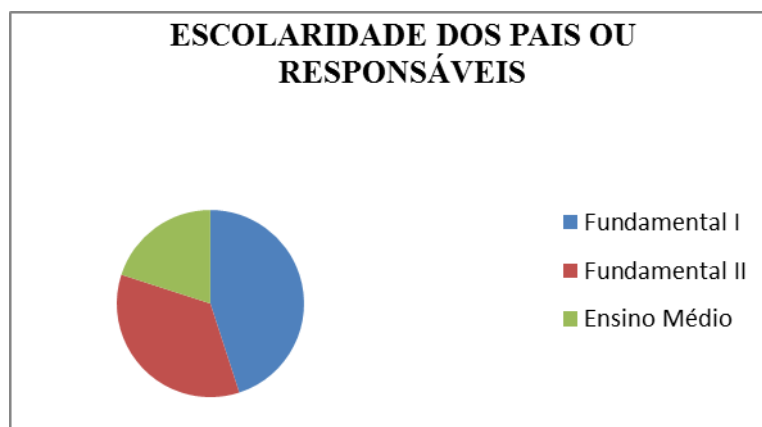
Gráfico I - ORIGEM DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS



Através da análise dos resultados obtidos como mostra o gráfico acima, podemos observar que os sujeitos envolvidos têm em sua maioria origem relacionadas ao meio urbano, embora o número de pessoas da área rural seja significativo. No total 55% dos pais dos alunos têm suas origens relacionadas à zona urbana e 45% está ligada a zona rural. A nossa intenção em observar estes dados se justifica por entendermos que não podemos tratar de linguagem sem, contudo relacioná-la a sociedade. Esta relação língua/sociedade vai constituir nossa formação e nossa identidade. Como estabelecido por Bortoni-Ricardo (2005) ao propor um modelo de análise em que as variações linguísticas são apreendidas a partir do continuum rural/urbano.

Bortoni-Ricardo (2005) menciona sobre a migração rural no Brasil que: “A vida e a cultura neste país foram profundamente alterada no século XX pelo fenômeno da mobilidade geográfica, que se tornou, por isso mesmo, objeto de especial interesse nas ciências humanas em geral” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 92). Esta constatação justifica nosso interesse em investigar a origem dos alunos da sala de aula estudada, esta observação nos levou a fazer uma melhor análise do contexto linguístico do aluno e a nos direcionar pelas abordagens linguísticas utilizadas no projeto de intervenção apontando caminhos a serem tratados. Mesmo com a intensa urbanização do país, ocasionada pelos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, a variedade que exerce maior força na sociedade atual são as urbanas. Interessante notar que nestes contextos de imigração, os indivíduos que fazem uso de uma variação que difere da urbana são tidos como sujeitos com uma linguagem inferior aos demais do espaço urbano.

Gráfico II - ESCOLARIDADE DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS



O gráfico II foi elaborado a partir da LDB 9394/96, que reza que a educação no Brasil deve estar dividida em: Educação Básica e Ensino superior. A Educação Básica está dividida

em Educação Infantil, que compreende de 0 a 3 anos nas creches e os anos de 4 a 5 na pré-escola. O Ensino Fundamental abrange os anos iniciais do 1º ao 5º ano e finais do 6º ao 9º ano. O Ensino médio é o antigo segundo grau, que vai do 1º ao 3º ano. O ensino superior é competência da União.

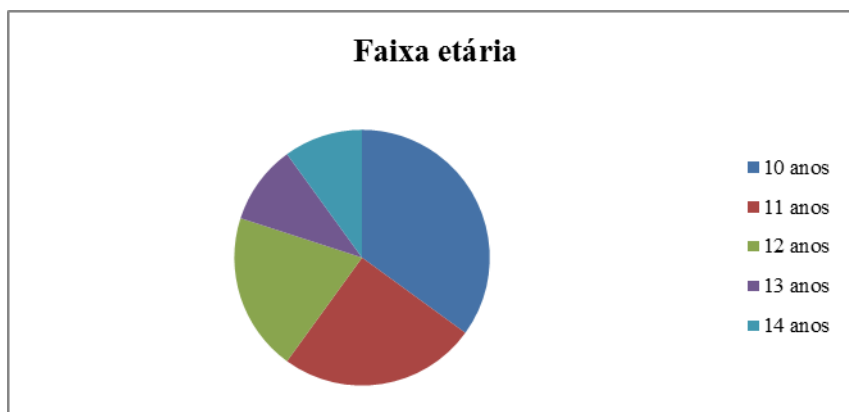
Na perspectiva da cidadania se constituir efetivamente, o cidadão terá a garantia de uma educação básica que contemple pelo menos o ensino médio, ao assegurar este ensino, a educação garante a apropriação à cultura letrada e assim a variedade atrelada ao ensino escolar. Faraco (2008) alerta: “O acesso a essa variedade seria, então, um principal fator de inclusão na cidadania já que correlacionado com a democratização da cultura escrita e com o exercício da fala nos grandes espaços públicos” (FARACO, 2008, p. 50).

Esse gráfico II retrata os dados obtidos no que se refere à escolaridade dos pais dos alunos da turma estudada. Constatamos que os alunos convivem com pais ou responsáveis de pouca escolaridade. Como podemos ver 45% dos pais têm o ensino Fundamental I, que compreendem do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, 35% possuem o ensino fundamental II estando então nos anos do 6º ao 9º ano e 20% dos pais chegaram ao ensino médio. Salientamos o fato de que nenhum pai ou responsável chegou a entrar em algum curso de nível superior.

As informações obtidas desses dados permite que possamos contextualizar nossas ações com vistas à pouca escolaridade das pessoas no ambiente dos alunos. Bortoni-Ricardo (2005) alerta que: “Quando lidamos com alunos que tem acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social, temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português padrão” (BORTONI-RICARDO 2005, p.53).

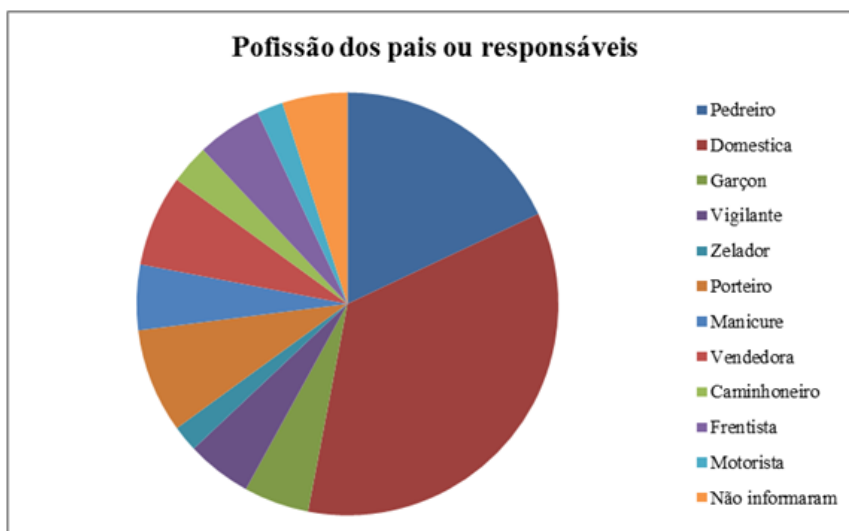
Considerando a citação supracitada, advogamos que a forma de lidar com os “erros” dos nossos alunos é fundamental na relação que estes vão estabelecer com a língua portuguesa. Nesta abordagem não podemos desconsiderar o meio social, familiar de cada criança. Nossa intenção, enquanto agentes facilitadores, é promover atitudes de confiança no aluno na sua própria língua, para que isto aconteça é necessário considerar o repertório que estes trazem da sua comunidade.

Gráfico III - FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS



Outro aspecto analisado está relacionado à distorção idade/série, assim analisando o gráfico acima, observamos que estes estão em idades diferenciadas. Como dito anteriormente, nas turmas do 5º ano do ensino fundamental devem estar aluno com 10 anos uma vez que este ciclo começa aos 6 anos com a duração de 5 anos. Observamos que a turma em estudo apresenta alunos entre 10 a 14 anos destes, 35% estão com 10 anos, 25% com 11, 20% com 12, 10% com 13 e também 10% com 14 anos. Podemos perceber que do total de alunos pesquisados 35% estão na faixa etária adequada à série e 65% estão fora da faixa etária. Diversos fatores podem justificar esta realidade, sendo mais frequente a reprovação escolar. Porém não deixamos de considerar as dificuldades em se viver em um ambiente familiar com pessoas de pouca escolaridade, que por sua vez têm dificuldades em orientar a vida escolar dos filhos. Esta constatação também é fator relevante no contexto de fala apresentado em comunidade e por sua vez presente na escola.

Gráfico IV - PROFISSÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS



Outro aspecto que buscamos conhecer sobre a realidade dos envolvidos na pesquisa foi a profissão exercida pelos pais ou responsável. Neste aspecto podemos perceber que a maior parte é de domésticas e pedreiros. Destacamos o fato de que são profissões de baixa remuneração o que leva a ter uma caracterização do perfil socioeconômico da turma, concluindo que os alunos são oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo.

Quanto ao repertório linguístico, buscamos conhecer a variação de palavras no seu meio, neste aspecto conseguimos descobrir o uso de gíria no meio familiar e social dos alunos, cujas gírias mais apontadas foram: boy; meu cara; ta ligada; parceiro; doido; beleza; cara. Neste aspecto 5 alunos dos 20 investigados afirmaram não identificar gíria em seu meio.

Gráfico V- IDENTIFICAÇÃO DE GÍRIAS



2º MOMENTO

De posse dos dados levantados através do questionário, partimos para o segundo momento do estudo. Este se deu através de uma conversa informal, que teve como objetivo esclarecer junto aos alunos o que trataríamos na intervenção. Nesta etapa da pesquisa, registramos os diálogos com os alunos sobre variação linguística, diálogo este apresentado, em parte, a seguir. Os alunos foram identificados pela letra inicial do seu nome e a professora pela letra P. isto para preservar a identidade dos pesquisados.

P - Vocês acham que as pessoas têm jeitos diferentes de falar?(Muitos responderam sim outros apenas escutaram).

P- Quem gostaria de falar sobre isso? O que vocês observam de diferente na fala das pessoas?(neste momento foi necessário ordenar as falas)

L-Professora eu percebi que lá onde eu morava as pessoas chamam as crianças de guri.

P-Onde você morava L?

L- Em Aracaju.

A-Eu percebo que tem em menino na minha rua que fala nãm, no lugar de não, já viu?

J- C também fala assim.

M- Tem um monte de gente que fala assim.

J-Minha avó fala carioca. Ela morava no Rio agora mora aqui.

A-Tem gente que diz noi.

P-Temos então alguns exemplos, noi, nãm, guri, fala carioca. Quem mais quer falar?

Os alunos levantam a mão, sendo necessária nossa intervenção no sentido de organizar a vez em que cada um vai colocar sua fala.

C-Professora eu já morei em Brasília e lá as pessoas também falam diferente.

D-Ei professora tem gente que fala chamando os outros de boy.

A- Eu estudei com uma menina o ano passado que só queria falar carioca, só porque morou em São Paulo.

M-Professora meu vizinho fala é hoje que noi vai matá um.

D-Meu amigo diz ai é nois.

P- Concluimos então que existem muitas formas de se falar, certo? Mais tenho outra pergunta. É certo rir de alguém que fala diferente?

Muitos responderam não, outros apenas riam.

P-E por que as pessoas falam diferente?

A-Sei lá.

L-É o jeito que ela sabe.

O trecho que descrevemos acima foi registrado na aula na qual foi possível construir uma primeira reflexão sobre o tema: variações linguísticas. Observamos que os alunos percebem a variação, porém como errado, apontando o erro no modo de falar dos outros. Não têm consciência de que a variação é algo que acontece na língua e que é natural. Em vários momentos da conversa estabelecida houve risos por parte de alguns alunos, ficando claro que a variação é algo engraçado que provoca risos em salas de aula.

A escola precisa ter uma consciência cada vez mais constante do seu papel social, como instrumento de transformação, Antunes (2007) adverte “Efetivamente, entre os objetivos mais amplos da escola, não pode constar o de preparar os alunos para o vestibular ou, pior ainda, preparar para concursos. A escola não pode ficar refém desses exames” (ANTUNES, 2007, p. 147). Concordamos com a autora, é necessário trabalhar estas avaliações, porém de forma a contextualizar o ensino, preparando seus alunos para o pleno exercício da cidadania, tornando sujeitos conscientes da variedade de sua própria língua.

Após os dois momentos: aplicação do questionário e conversa informal sobre a variação linguística, iniciamos nossas atividades de intervenção, que passamos a descrever.

1ª Intervenção

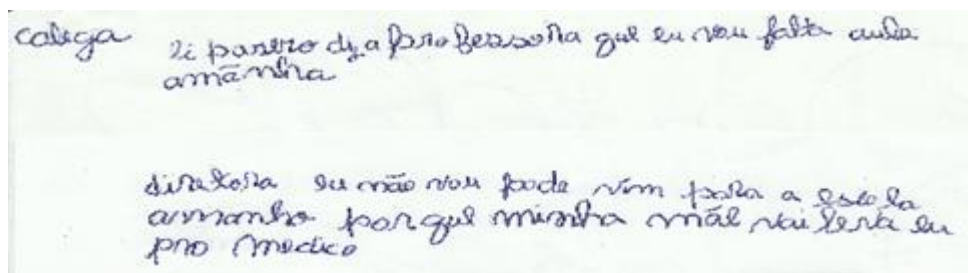
Atividade: Produção de mensagem oral e escrita

Tempo: 50 min

Como primeira atividade de intervenção, definimos como objetivo proporcionar aos alunos um momento em que fossem levados a refletir sobre a situação de uso formal e informal da língua. Esta atividade contempla um estudo voltado para a variação diafásica, que são variações estabelecidas em função do contexto comunicativo, ou seja, nossa forma de falar vai estar relacionada ao outro. Para concluir nossa observação, analisamos cada produção e constatamos que do total de participante, 65% dos alunos não perceberam a adequação da língua à situação e 35% dos alunos realizaram uma reflexão sobre o uso e se posicionaram na fala de forma diferenciada em cada situação.

Propomos aos alunos que produzissem uma mensagem para um colega de classe e outra, para a direção da escola. Definimos que, nessa atividade de produção, simulariam uma situação em que deveriam comunicar e justificar uma falta na aula. Apresentamos a seguir algumas dessas produções:

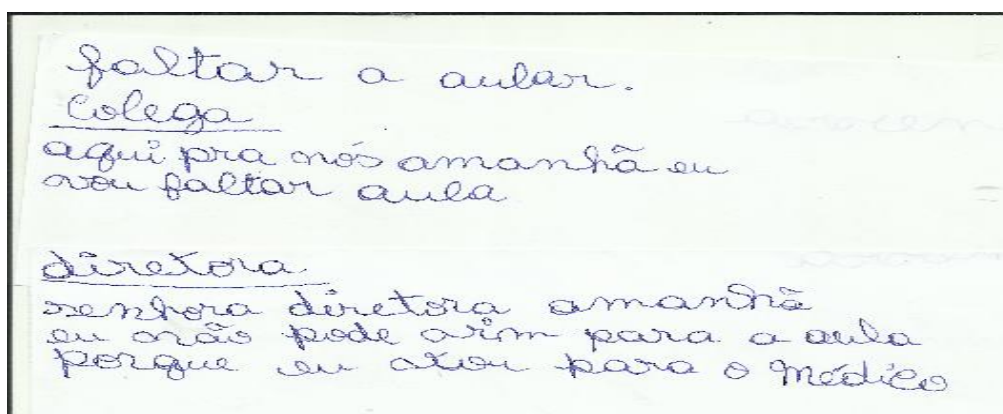
Figura 1²



colega
é preciso de a proffessoria que eu vou falta aula
amãnhã

diretora
se não vou pode vim falar a escola
amãnhã porque minha mãl vou ler o seu
pro medico

Figura 2³



faltar a aula.

colega
agui pra nós amãnhã eu
vou falta aula

diretora
senhora diretora amãnhã
eu não pode vim para a aula
porque eu vou para o medico

Durante a realização podemos constatar o envolvimento dos alunos na atividade, percebemos que muitos acharam uma forma divertida de produção textual. Salientamos que após a escrita eles também realizaram a atividade oralmente, neste momento foram registrados risos dos alunos. Fazendo uma avaliação mais detalhada da atividade, destacamos a utilização de gírias quando a mensagem era dirigida aos colegas, o que não aconteceu quando se portavam à direção da escola, nesta, usaram a formalidade, observamos até um tom de voz diferenciado neste momento. Concluímos desta forma que muitos alunos veem o uso da gíria como linguagem informal, não aplicando seu uso quando a fala é dirigida à direção da escola, conforme observamos nas produções.

Através desta intervenção, observamos se os alunos compreendiam as duas situações de comunicação, que seriam a informalidade em falar com um colega e a formalidade ao se dirigir à direção da escola. Conversando sobre a atividade realizada registramos o diálogo a seguir:

² Texto produzido pela aluna M na primeira atividade de intervenção.

³ Texto produzido pelo aluno L na primeira atividade de intervenção.

P – “A partir da atividade realizada por vocês é possível dizer que podemos falar do mesmo jeito com colegas, pais, professores?”

A- Não.

P- Por quê?

K- É por respeito, eu acho. É?

P- O que vocês acham?

M- Com os amigos a gente já é acostumada. E com os outros tem que ter mais respeito.

I- Se não falar direito com a mãe é pau.

Neste trecho da conversa, já podemos perceber que os alunos realizaram uma reflexão sobre a situação de uso da língua dependendo do contexto. Observamos então que a partir daí já começaram a estabelecer a relação do estilo formal e informal do uso da língua, principalmente quando vivenciaram esta prática na oralidade.

Neste aspecto retomamos a contribuição da Sociolinguística, o de ter a compreensão de que muitas vezes o que é considerado erro para a sociedade, a Sociolinguística vê como uma questão de adequação. Neste sentido, Bortoni-Ricardo (2004) orienta para um trabalho de adequação linguística em sala de aula, conscientizando os alunos quanto às diferenças, para que eles possam começar a monitorar seu próprio estilo. Destacamos, ainda, Bortoni- Ricardo (2005) ao mencionar que “Os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independente do código usado a variante padrão ou a variante não padrão, qualquer aluno qao chegar em sala de aula deve ser ratificado como participante legítimo da interação” (BORTONI- RICARDO, 2005. p.197).

2ª Intervenção

Atividade: Leitura do texto *Vício na fala*, de Oswald de Andrade

Tempo: 50 min

Como segunda atividade, estabelecemos como objetivo proporcionar ao aluno uma leitura na qual estivesse presente a variação linguística ocasionada pela regionalização para que estes pudessem destacar palavras que representassem essa variação dentro de um texto. Nesta intervenção, buscamos um trabalho voltado para a compreensão da variação

caracterizada com diatópica, uma vez que aborda falares presentes em determinados espaços geográficos.

Desta forma, projetamos em data show trecho do poema **Vícios na fala**. Também foram entregues cópias dos textos para cada aluno. A leitura do texto foi dividida em dois momentos: primeiramente uma leitura silenciosa para, depois, realizarmos uma leitura coletiva, mais uma vez registramos risos por parte dos alunos, com a leitura de palavras como mió, teiado, pió. Isto nos leva mais uma vez a estabelecer relação entre o riso e o preconceito linguístico que está enraizado em nossa sociedade e que muitas vezes passa despercebido.

Após a leitura do texto, fizemos algumas perguntas exploratórias no sentido de sondar se os alunos destacavam a variação linguística dentro do texto. Sondamos junto aos alunos os seguintes questionamentos:

- Identificam a variação linguística dentro do texto;
- Destacam as variações encontradas;
- Encontram a variação no seu meio;
- Consideram certo rir da variação na fala;

Figura 3⁴

Leia o texto

Vício na fala

Para dizerem milha dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade
fonte: <http://www.brasilecola.com/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>

1.É possível perceber a variação linguística dentro do texto?
sim

2. Escreva as variações encontradas.
mio, mió, pió, teiado

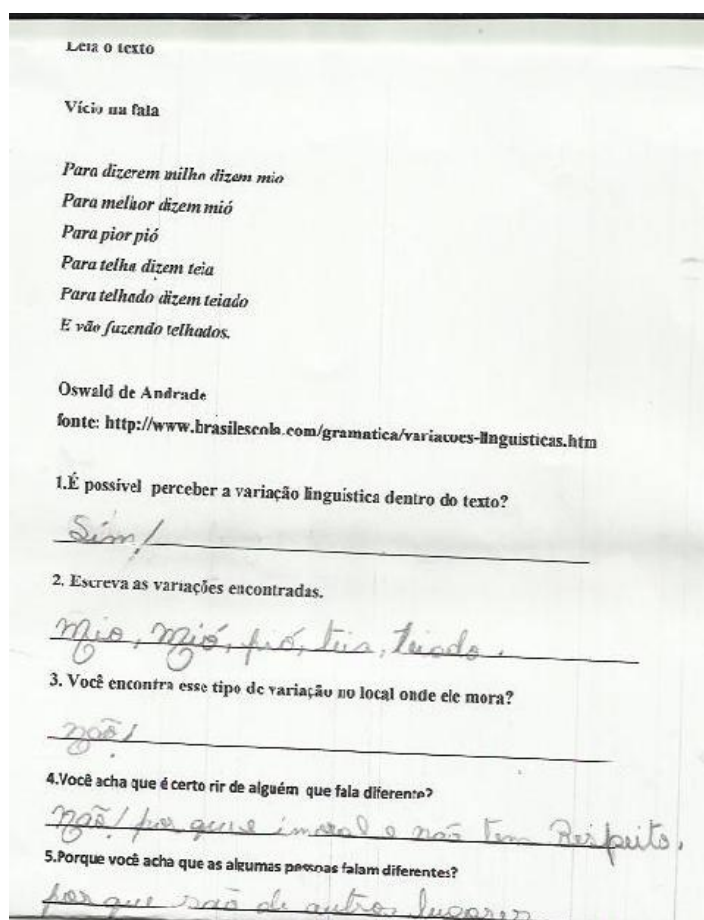
3. Você encontra esse tipo de variação no local onde ele mora?
sim

4. Você acha que é certo rir de alguém que fala diferente?
não pois que a diferença é

5. Porque você acha que as algumas pessoas falam diferentes?
por diferença

⁴ Atividade realizada Pela aluna A.M na 2ª intervenção

Figura 4⁵



Na primeira questão, constatamos que todos os alunos participantes da atividade percebiam a variação no texto, porém observamos que ao apontar esta variação, 75% dos alunos apontaram todas as palavras com variação dentro do texto e 25% dos alunos não identificaram todas as palavras.

Ao serem indagados se encontravam esta variação no seu meio 12 afirmaram que encontravam e 8 disseram não encontrar. Enquanto pesquisadores, podemos concluir que os alunos identificam a variação que está no seu meio, porém, muitas vezes, passando despercebida, sendo apontada como certa ou errada.

Ao levantar a questão acerca do fato de que algumas pessoas riem de quem fala diferente, os alunos compreendiam e apontaram que não seria certo rir de alguém por causa da sua fala. Este fato contradiz o riso que presenciamos dos próprios alunos em determinados

⁵ Fonte: <http://www.brasilecola.com/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>, acesso em março de 2013. Atividade realizada pelo aluno A na 2ª intervenção.

momentos do estudo, o que mais uma vez caracteriza um preconceito embutido nas ações de muitos.

Outro aspecto explorado nesta atividade foi o de investigar se os alunos identificam as causas que fazem uma pessoa falar diferente de outra. Analisando as atividades destacamos os aspectos apontados os quais foram: o jeito pessoal (20%); por etnia (5%); vícios linguísticos (15%), pela família (15%); por questões regionais (45%). Diante dessas averiguações, podemos mais uma vez ressaltar a importância do trabalho escolar no que diz respeito aos aspectos da variação linguística. Acreditamos que, através de práticas educativas que exercitem os conhecimentos sobre a variação da língua, podemos combater o preconceito, sendo a sala de aula o ambiente propício para trabalhar de forma reflexiva as diversas variações presentes na sociedade.

Eis alguns trechos da conversa registrada sobre a atividade.

P- Quais palavras podemos destacar como variação linguística dentro do texto lido?

A essa resposta os alunos foram unânimes na identificação das palavras.

P-Vocês sabem por que algumas pessoas falam assim?

M- Por causa do lugar onde moram.

L- Porque aprendeu assim.

Percebemos nestas falas que já se identificam dois fatores da variação linguística associada ao convívio social. Quando o aluno diz “Porque aprendeu assim” nos leva a perceber a relação estabelecida na linguagem ao fator social e geográfico, no lugar dela se fala assim, seus pais falam assim, seus familiares falam assim.

P-É certo que elas sofram algum tipo de brincadeira, gozação por causa disso?(Muitos reponderam não)

J- Mais fica engraçado né professora?

P-Você acha J ?

Neste momento novamente risos.

J.P- Mais é o jeito dele.

P-Tem alguém aqui que nunca falou uma palavra diferente?

P- Acho que não...

Refletindo um pouco mais sobre a fala dos alunos, identificamos duas situações: uma em que um aluno afirma em sua fala que não devemos rir das pessoas que falam diferente; na segunda outro afirma que é uma fala engraçada, mesmo não sendo certo rir. Esta afirmação de que é uma fala engraçada deixa marcado o preconceito, a não aceitação ao diferente. O riso registrado por parte dos alunos reflete o preconceito do próprio aluno, ao perceber o diferente no falar dos outros, como algo engraçado, causador de risos. Percebemos que os alunos não se incluem como pessoas que apresentam variação na língua, apenas apontam a forma de falar no outro. Consideramos que essa atividade levou os alunos a uma maior reflexão sobre a variação do ponto de vista da regionalização. Bortoni-Ricardo (2005) nos diz que: “Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação e a inclusão da diferença” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 196).

Esta percepção da escola tende a contribuir para a diminuição do preconceito linguístico na sociedade, cumprindo assim o seu papel como agente de transformação, pois ao mesmo tempo que apresenta a norma padrão, promove uma reflexão pautada no respeito aos que não utilizam a esta norma no seu meio, pois os alunos ao adquirirem o conhecimento da norma apresentada pela escola, voltam para o seu meio familiar, e nele encontram pessoas que não tiveram acesso a esse conhecimento da língua, e esse aluno ao se deparar com essa realidade precisa respeitar a fala dos que estão a sua volta.

3ª Intervenção

Atividade: Leitura dos textos virtuais do Bode Gaiato

Tempo: 3 aulas de 50 min

Pra esta atividade utilizamos os textos abaixo:

Figura 5



Fonte: “Bode Gaiato”. Disponível em: <http://www.facebook.com/ObodeGaiato?fref=ts>. Acesso em março de 2013.

Figura 6



Fonte: “Bode Gaiato”. Disponível em: <http://www.facebook.com/ObodeGaiato?fref=ts>. Acesso em março de 2013.

Figura 7



Fonte: “Bode Gaiato”. Disponível em: <http://www.facebook.com/ObodeGaiato?fref=ts>. Acesso em março de 2013.

Com a realização desta atividade apresentamos um trabalho sobre a variação linguística nos textos que circulam no Facebook intitulados de “Bode Gaiato” e, assim, estudamos o gênero escrito que traz a oralidade.

- Esta atividade foi dividida em três momentos;
- Apresentação dos slides e leitura compartilhada;
- Reflexão da fala e escrita dos textos;
- Reescrita das palavras.

Nesta terceira atividade propomos aos alunos a leitura de textos que circulam no Facebook intitulados “Bode Gaiato” Ressaltamos que estes textos foram previamente selecionados, uma vez, que nem todos se adéquam à faixa etária e ao objetivo por nós estabelecido que seria trabalhar a variação linguística, sempre enfatizando o combate ao preconceito linguístico.

O interesse em fazer um estudo da variação linguística utilizando os referidos textos surgiu ao percebermos o interesse dos alunos nestes textos virtuais e perceber que eles sempre são vistos com fins humorísticos. Na verdade estes textos trazem muito humor, por isso também poderiam servir de fonte em nosso estudo, uma vez que despertam o interesse, tornado uma forma descontraída e interessante para a realização do nosso trabalho em sala de

aula com a variação linguística, os textos também apresentam muito da cultura nordestina, a partir de expressões populares, carregadas de humor, que remetem ao cotidiano.

Apresentamos aos alunos os textos selecionados em data show para que fossem feitas as leituras, destacamos que, neste momento da intervenção, houve muitos risos, percebemos também que os alunos se detinham muito mais na situação do que refletiam sobre a fala dos personagens. Neste momento começamos a chamar a atenção para determinada fala, fazendo, então, uma segunda leitura dos textos. Nesta segunda leitura, solicitamos que os alunos destacassem as palavras que lhe chamaram a atenção, explicando o porquê da sua escolha, registramos novamente risos nesse momento.

Como atividade, sugerimos que os alunos apontassem palavras para substituir aquelas que haviam destacado. Apresentamos então o diálogo:

P- Vocês já conheciam estes textos?

T-Sim

P-Vocês conseguem destacar palavras com variação linguística neles? Quais as palavras que podem destacar?

A-Armaria

M- Deu ni mim

L-Nãm

L-avia

J.P. Conheço pessoas que falam assim, lá em Mari.

P- Mais as palavras que estão ai são ditas mesmo J.P por muitas pessoas lembram que falamos que não são erradas são diferentes e existem outras formas para dizê-las. Vamos continuar. Quem quer dizer outra palavra que acha diferente?

B- Grandemai

G-Seu Caba....

P- Vocês já ouviram essa forma de falar em outros momentos...

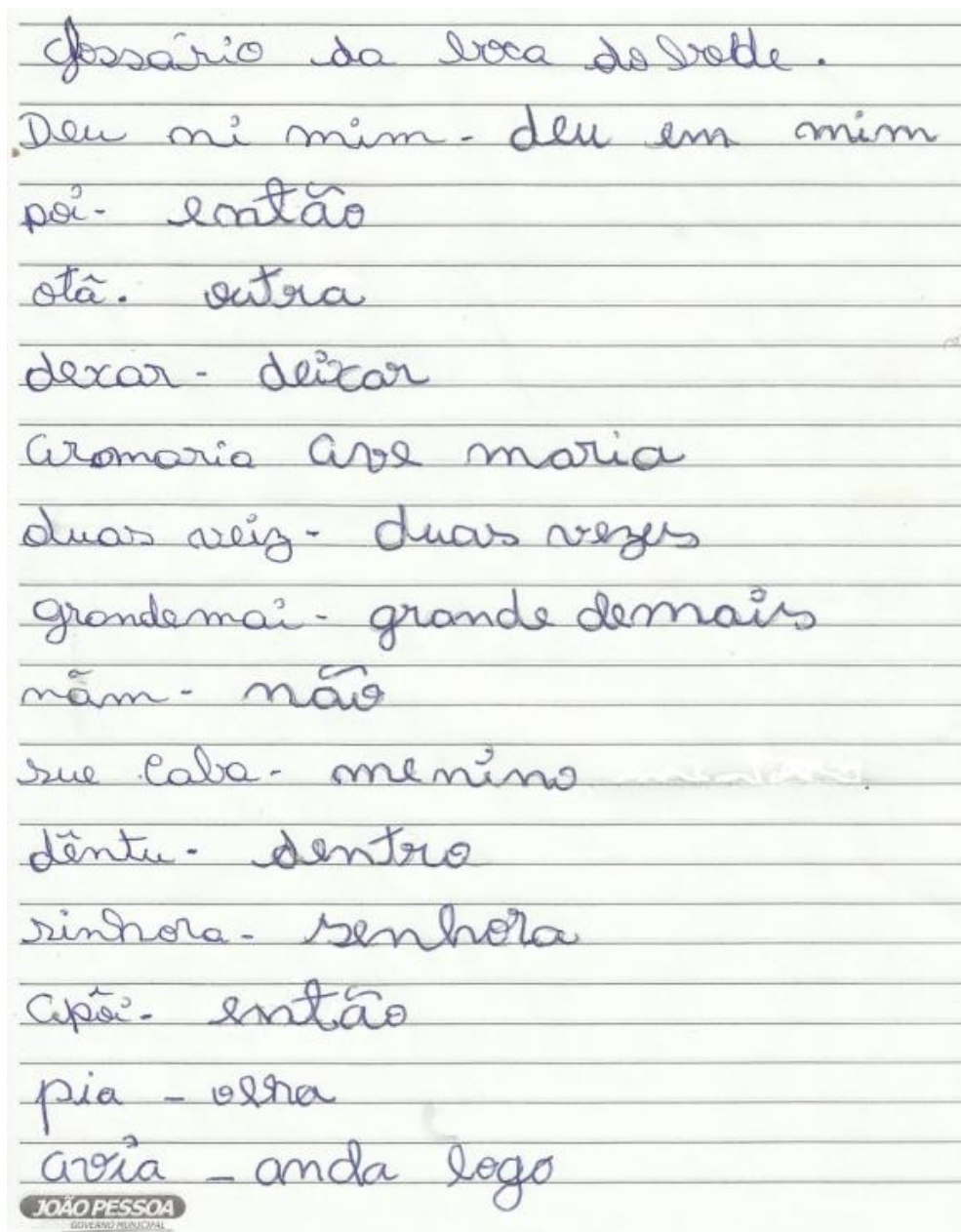
Neste momento os alunos apresentaram exemplos de falas presentes no seu meio, enriquecendo nossa conversa.

R-Eu já assiste um filme, Ai que vida, no filme falavam desse jeito.

P-Certo, vejamos então que palavras poderíamos usar para substituir as palavras destacadas por vocês...

Assim construímos uma reescrita do texto do Bode.

Figura 8⁶



⁶ Reescrita realizada pelo aluno C na 3ª atividade de intervenção

Figura 9⁷

Escola municipal melhor parte de Jussara Maria
Aluna (a):

Glossário de vocábulos

Deu ni mim - Deu em mim
Pi - Pó
Atã - outã
deca - deica
Armonia - armonia
duas veiz - duas vezes
Grandemai - Grande de mais
mãim - mãe
Seu laba - mesmo mesmo
dente - dente
sibara - sibara
alai - alai

Figura 10⁸

Deu ni mim - Deu em mim
Pi - Pó
Atã - outã
deca - deica
Armonia - armonia
duas veiz - duas vezes
Grandemai - Grande de mais
mãim - mãe
Seu laba - seu labra
dente - dente
sibara - sibara
alai - alai

⁷ Reescrita da aluna J.K na 3ª atividade de intervenção

⁸ Reescrita da aluna J.K na 3ª atividade de intervenção

Com a realização dessa atividade, percebemos que, em um primeiro momento, as palavras que eles usam no cotidiano como “apoí”, “minino”, “sinhora”, “duas veiz”; “havia”; eles não destacaram, mas a partir de uma reflexão e intervenção do grupo, os alunos foram destacando a forma de variação destas palavras. Percebemos que eles identificaram na própria fala a variante que é usada por eles, porém até então não reconhecida. Outras expressões como “deu nin mim”, “armaria”, nãm, eles perceberam com mais facilidade. Como já mencionado anteriormente, o trabalho com a variação deve ser pautado na reflexão e deve promover ações que levem à ampliação do conhecimento sobre as variantes; ressaltamos, mais uma vez, a real necessidade de se trabalhar com a oralidade para promover uma maior consciência linguística

4ª Intervenção

Atividade: Leitura dos textos Meu Diário

Tempo: 50 min.

Na quarta atividade da proposta de intervenção, foi apresentado o texto: Meu Diário para que fosse lido. Nosso objetivo foi que os alunos identificassem a linguagem utilizada no texto. Ressaltamos que esta atividade também foi utilizada como simulado para avaliação da Prova Brasil que é uma avaliação realizada pelo MEC que avalia habilidades de leitura, divididas em cinco blocos de conteúdos: procedimentos de leitura; implicação do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; relação entre textos; coerência e coesão no pensamento do texto; relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação linguística. Na atividade realizada o objetivo é identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto. Passamos a atividade.

Figura 11⁹

Aluno

Trabalho: tempo, ou misturando

MEU DIÁRIO 7 de julho

Pai é um negócio fogo, o meu, e do Toninho, do Mauro, de Joca, do Zé Luis e do Beto são mais ou menos. O meu deixa jogar na rua, mas nada de chegar perto da avenida. O Toninho está terminadamente proibido de ir ao bar do Seu Toninho. O do Beto é bem bravo, só que nunca está em casa: por isso, o Beto é o maior folgado e faz o que quer. Também, quando o pai chega, mistura a brincadeira. O do Joca é que nem o meu. O do Zé Luis deixa, mas é obrigatório voltar às seis em ponto e o do Mauro às vezes deixa tudo, outras dá bronca que Deus me livre, tudo na tal língua estrangeira que ele inventou.

AZÍVEDO, Ricardo. *Nossa Rua Tem um Problema*. São Paulo: Paulinas, 1986.

No texto "Meu Diário", frases como "Pai é um negócio fogo..."
"...o Beto é o maior folgado..."
e "...mistura a brincadeira"
indicam um tipo de linguagem utilizada mais por

(A) idosos.
(B) professores.
(C) crianças.
(D) cientistas

A atividade de leitura do texto “Meu Diário” requer compreensão de expressões própria do público infanto-juvenil. Nesta atividade, percebemos que os alunos, em sua maior parte, já identificam o uso da linguagem formal e da linguagem informal. Ela retoma em parte a primeira atividade realizada na nossa intervenção, ou seja, a produção de mensagens dirigidas a públicos diferenciados, que foi realizada de forma mais livre, observando o monitoramento da fala em razão do interlocutor. Nesta quarta intervenção em que propomos a leitura do texto Meu diário outra atividade, os alunos foram direcionados a observar os aspectos utilizados na linguagem expressa no texto. Dos 20 alunos que realizaram a atividade, 80% entenderam que a linguagem do texto era utilizada por crianças; 5% apontou como uma

⁹ <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/prova-brasil-5o-ano-variacao-linguistica-510814.shtml>. Acessado em março de 2013.

linguagem de idosos e 15% informaram que era uma linguagem própria de professores, concluimos desta forma que nossas reflexões sobre a variação linguística já estava produzindo resultados positivos, pois os alunos em sua maior parte já identificam, neste momento, a fala em seu contexto de uso.

5ª Intervenção

Atividade: Apresentação do filme “Chico Bento no shopping”

Tempo: 1 hora

Figura 12¹⁰



Figura 13¹¹

ATIVIDADE - APÓS ASSISTIR AO FILME CHICO BENTO NO SHOPPING,
RESPONDA:

1) Onde se passa a história?
() Na zona rural (x) Na zona urbana

2) Quais as personagens principais do filme?
Chico Bento e seu primo

3) Qual das personagens apresenta variação na forma de falar?
() Chico Bento () o primo de Chico

4) Quais as principais diferenças entre Chico Bento e o primo?
Chico Bento mora na zona urbana e seu primo na zona rural.

5) Na sua opinião Chico Bento fala errado? Justifique.
Ele não fala errado, é que quando ele fala ele fala de uma maneira diferente.

¹⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ntXCiB0Ehfk> .Acessado em março de 2013.

¹¹ Atividade realizada pela aluna M na 5ª intervenção.

Figura 14 - ¹²

ATIVIDADE - APÓS ASSISTIR AO FILME CHICO BENTO NO SHOPPING,
RESPONDA:

1) Onde se passa a história?

() Na zona rural (X) na zona urbana

2) Quais as personagens principais do filme?
Chico Bento e seu primo

3) Qual das personagens apresenta variação na forma de falar?

(X) Chico Bento () o primo de Chico

4) Quais as principais diferenças entre Chico Bento e o primo?
Um que fala mais rápido e o outro mais devagar

5) Na sua opinião Chico Bento fala errado? Justifique.
Sim, por que ele mistura as palavras

Figura 15 - ¹³

ATIVIDADE - APÓS ASSISTIR AO FILME CHICO BENTO NO SHOPPING,
RESPONDA:

1) Onde se passa a história?

() Na zona rural (X) na zona urbana

2) Quais as personagens principais do filme?
Chico Bento e o primo.

3) Qual das personagens apresenta variação na forma de falar?

(X) Chico Bento () o primo de Chico

4) Quais as principais diferenças entre Chico Bento e o primo?
Um fala mais rápido e o outro mais devagar.

5) Na sua opinião Chico Bento fala errado? Justifique.
Sim, por que ele mistura as palavras.

¹² Atividade realizada pelo aluno L na 5ª intervenção.

¹³ Atividade elaborada pelo aluno K

Na quinta atividade, apresentamos aos alunos o filme da Turma da Mônica com o título: Chico Bento no shopping. Como objetivo, buscamos estabelecer relação entre a linguagem rural e urbana.

Após a apresentação do filme, as atividades propostas possibilitaram aos alunos apontar as diferenças percebidas na fala das personagens e o porquê dessas diferenças; também exploramos o entendimento do aluno no sentido de apontar se a linguagem de Chico Bento interferia na comunicação e se eles consideravam a fala do personagem errada. Sempre enfatizando o combate ao preconceito linguístico, indagamos:

P- Vocês sabem o que é preconceito?

A- É não gostar de negros

P-Só existe preconceito em relação à cor? Também existem outras formas de preconceito.... Vocês sabem que quando a gente não aceita a forma de outra pessoa falar também é uma forma de preconceito.

Analisando o registro da fala descrita acima podemos constatar que os alunos entendem a variação regional, já fazem referência ao fato de que se deve ter respeito em relação a esta diferença.

Uma questão importante registrada nesta fala, que não podemos deixar de refletir, é o fato de que o aluno relacionou preconceito a questão da cor da pele de uma pessoa, podemos considerar que isto se deve ao fato de que este tipo de preconceito é um dos mais difundidos pela mídia, que nunca retrata da questão do preconceito linguístico.

Analisando mais detalhadamente a atividade, quanto aos aspectos abordados, registramos que dos alunos que realizaram a atividade, 5% ficou em dúvida sobre o local onde a história acontecia, não sabendo informar se na zona rural ou urbana, 20% apontaram que acontecia na zona rural, este fato nos leva a entender que tais alunos ainda não conseguem fazer esta diferenciação regional. Porém mais uma vez, os resultados comprovaram que esses alunos, em sua maior parte, já refletem sobre a língua do ponto de vista da regionalização, pois 70% deles identificaram como zona urbana o local da história. Apenas 5% aluno não respondeu a questão solicitada.

Quando solicitado que os alunos apontassem as diferenças entre os personagens, 5% aluno atribuiu essa diferença à educação; 15% não souberam identificar; 55% disseram ser por diferenças regionais; 20% apontaram a fala como diferente, mas não especificaram

questões da diferença entre essa fala, 5% aluno apontou que essa diferença estava no jeito de falar.

Quando indagados sobre a fala de Chico Bento, 30% dos alunos apontaram como errada e 70% disseram não ser errada, porém o que enfatizamos, nesta atividade, foi a mudança de atitude em relação à fala de Chico Bento, pois não houve, como registrado em outros momentos, risos que demonstrassem preconceito linguístico. Registramos ainda que dos que apontaram a fala do personagem Chico Bento como errada, 4 não souberam justificar o porquê e 2 atribuiu a fala errada ao fato do personagem morar no campo.

Para a realização das atividades de intervenção, buscamos atingir os objetivos por nós definidos de levar o aluno a uma maior consciência linguística, através de reflexões e a partir do uso da língua, tornando-se assim um indivíduo livre de preconceitos em relação à variação da língua.

A partir do desenvolvimento dessas atividades, buscamos uma análise dos dados, observando se os sujeitos envolvidos conseguiram distinguir as formas de uso da língua no que se refere aos aspectos destacados como:

Os alunos identificam a variação linguística presente na sociedade.

Neste item constatamos que todos os alunos fazem esta identificação, o que vem a comprovar que a variação presente na sociedade não passa despercebida, apenas são vistas como certa ou errada, muitas vezes, essa identificação acontece quando o aluno aponta o erro na fala do outro sem, contudo, incluir-se neste contexto da fala variável. Isto acontece em função da pouca aplicabilidade de uma pedagogia voltada para a conscientização da escola sobre os vários contextos da fala em uso, sobre a adequação. Os alunos identificam a linguagem formal e informal; neste aspecto, destacamos que dos 20 alunos, 80% fazem esta diferenciação.

Os alunos identificam a linguagem de acordo com aspectos regionais; neste aspecto, 85 dos alunos fazem a identificação.

Os alunos compreendem a variação como fator da língua em uso, entendendo que não podemos submeter nenhum indivíduo a juízo de valor por apresentar uma variedade da língua que difere da considerada padrão; neste aspecto destacamos que 17 alunos da turma fazem essa diferenciação o que corresponde a um total de 85% %. Acreditamos que através da proposta de intervenção, foi possível oferecer condições aos envolvidos de olhar mais atentamente às variações presentes no meio social, conduzindo a uma postura de respeito aos diversos falares e amenizando o preconceito linguístico.

A sala de aula é um espaço de reflexão, para tanto é necessário que o aluno tenha voz, que suas diferenças sejam aceitas. Por muitas vezes, na realização deste estudo, percebemos o quanto muitas vezes subestimamos nossos alunos, temos medo de trabalhar determinados temas; no entanto, ao ousarmos, percebemos o quanto lhes interessa esse tema, que temos medo de trabalhar. Em muitos momentos podemos conhecer mais a realidade linguística de cada um, quando expressaram a linguagem vivenciada em seu meio, revelando suas identidades linguísticas.

Para exemplificar, citamos o fato de que quando indagávamos se conheciam pessoas com determinadas características na fala, eles refletiam e relatavam determinados acontecimentos na sua vida em que estavam em volta com a variação linguística e, quando alertamos para o preconceito linguístico, percebemos que eles viam a variação como erro. Acreditamos que nossos alunos puderam entender que como citado anteriormente: “Não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática” (BAGNO, 2005, p. 142).

As análises deste trabalho levaram a concluir que os alunos envolvidos nesta pesquisa demonstraram grande capacidade de entender a variação linguística. Assim concluímos que o trabalho com a variação linguística, nas escolas, pode e deve ter outras dimensões. Acreditamos que este trabalho serviu não só como estudo, mas como conhecimento.

Nele enfatizamos as orientações do MEC para o trabalho com a variação, em que sejam consideradas as variações linguísticas trazidas pelos alunos do seu meio, ou seja, do conhecimento que o aluno já possui da sua própria língua. Reconhecemos que, por falta de um maior aprofundamento sobre o tema, muitos se posicionaram de forma crítica em relação a esta orientação.

Concordamos que valorizar a língua materna utilizando o conhecimento do aluno em relação ela deve ser o ponto de partida para um estudo da língua pautado em reflexão, onde novos conhecimentos podem ser adquiridos, entre estes a norma padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a variação linguística envolve uma complexidade de saberes. Ao longo de todo o processo de estudo, de construções e análises, foi possível constatar o quanto se faz necessário nas nossas escolas o trabalho que envolva o tema. Deixar este trabalho esquecido é privar nossos alunos de refletir sobre o uso da língua, que vai levá-los ao conhecimento da norma padrão de forma a não permitir o preconceito referente à variação não aceita e considerada errada, porém presente na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas. Para tanto, Sociolinguística Variacionista poderá tornar-se uma âncora de embasamento das nossas ações didáticas, pelas quais se possa considerar toda a riqueza que a Língua Portuguesa possui.

Quando conhecemos mais sobre determinado assunto, passamos a refletir e rever nossas posições em relação a ele. Com a realização deste estudo, buscamos justamente isso, promover mudanças em relação à variação linguística e em relação ao preconceito associado a essa variação. A este respeito, Bagno (2005) diz: “é preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país” (BAGNO, 2005, p. 18).

A escola se apresenta como um espaço, que tem a responsabilidade de formar no indivíduo atitude de respeito às diferenças. Este trabalho será possível através da reflexão que levará a uma maior consciência das diferenças no caso em estudo das diferenças linguísticas e conseqüentemente a um maior respeito e valorização das variações presentes na sociedade.

Ao estar em sala de aula, temos que desvencilhar de todo e qualquer preconceito, que muitas vezes carregamos, não podemos deixar que eles impeçam de dirigir nosso olhar para as questões sociais ao planejarmos as aulas de Língua Portuguesa.

A experiência mostrou que o trabalho com a variação linguística com foco no combate ao preconceito linguístico pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz, diante da proposta de ensino da língua portuguesa contemplando a variação. As aulas de Língua Portuguesa jamais deveriam estar unicamente centrada no ensino da Gramática Normativa, e sim, como já mencionado, também em diversos estudos sociolinguísticos que estão atrelados ao contexto sócio/histórico, nesta perspectiva a norma culta deve ser apresentada como mais uma variação da língua presente no meio.

Acreditamos que o problema, como já mencionado, não está na Gramática e sim na forma como ela é direcionada nas práticas pedagógicas. É necessário repensar até onde realmente a escola tem sido um veículo de transformação no tocante ao ensino da língua materna. Precisamos como educadores trazer o debate da variação linguística e o preconceito existente na sociedade para a sala de aula, pois é certo que este debate ainda acontece de forma muito tímida estando mais centrado em estudos teóricos dos autores adeptos Sociolinguística Variacionista.

O modo de falar de uma pessoa interfere na sua vida, é uma forma de julgamento presente na sociedade, onde pessoas são classificadas pelo seu modo de falar, não se considerando o seu meio social. Trabalhar este tema, desde cedo nas escolas, é uma forma de preparar nossos alunos para aceitar as diferenças. Combater o preconceito linguístico na escola não significa priorizar uma determinada forma de falar, mas é uma forma de democratizar o ensino no que se refere à variação da língua, de forma a promover a igualdade e o pleno exercício da cidadania. Quando o ensino da língua materna considera a variação presente na sociedade, contextualiza este ensino, considera o meio social do aluno, sua identidade.

Esperamos, que ao final do nosso estudo-ação e diante dos objetivos apresentados, ter oportunizado aos alunos envolvidos um momento de reflexão sobre o uso da língua. Que estes possam ter adquirido novos conhecimentos, que possam ter um olhar diferenciado para outras formas de linguagem, livres de preconceitos, entendendo o caráter heterogêneo da língua.

Que este estudo também possa ter suscitado um novo olhar sobre o preconceito linguístico, que este possa aos poucos ser minimizado na sociedade, pois sabemos que desconstruir algo presente ao longo do tempo não é fácil, é um trabalho de persistência e seus resultados não são imediatos. Aos poucos, através de estudos e de ações, nos mais variados setores da sociedade, é que poderemos obter resultados positivos. E é na escola que este trabalho deve começar em busca por uma sociedade na qual não existam pessoas que sejam estigmatizadas pelo uso que fazem da sua língua materna. Que a escola seja palco para debater questões linguísticas do ponto de vista defendido pelos sociolinguistas, ou seja, o da variação.

É certo que a variação linguística tem sido um tema presente em muitas discussões por parte de teóricos e estudiosos da língua materna, nestas discussões, o preconceito linguístico surge recebendo especial atenção, porém é certo que não se tem obtidos resultados expressivos. Nesta perspectiva o preconceito linguístico surge como tema necessário de ser discutido nas escolas em projetos educacionais. Estudando mais esse tema, é possível

entender determinadas situações que envolviam nossas falas enquanto estudantes, que tinham então o primeiro contato com a língua padrão e relacionar estes momentos a nossa relação com as aulas de língua portuguesa em toda a vida escolar.

Reforçamos com nossa pesquisa que, quando se trata de variação linguística, a escola deve rever suas posições, parar de ver o aluno como alguém que desconhece a sua língua materna, como um ser incapaz linguisticamente falando, como afirma Cagliari (2009) “toda a consciência que a criança tem da linguagem se deturpa quando chega à escola...” (CAGLIARI, 2009, p. 06). Defendemos, assim, uma mudança de atitude nas aulas de Língua Portuguesa, reconhecendo que essa mudança de forma tímida já dá os seus primeiros passos na busca por uma melhor educação linguística que leve o sujeito envolvido a uma postura reflexiva, perante os modos de se dizer uma mesma coisa.

As atividades de intervenção realizada junto aos alunos buscaram mostrar a diversidade da língua Portuguesa presentes na sociedade e assim promover momentos de reflexão em relação a língua em uso, alertando para o preconceito linguístico.

Como resultado dessas intervenções, foi possível constatar, através das respostas dos alunos que a variação linguística, não passa despercebida por eles e que apenas são vistas como dois extremos o certo e o errado, porém se a escola promove momentos de reflexão, que levem o aluno a entender essa variação, contribuirá de forma significativa para a formação do cidadão livre de preconceitos em relação a língua e conseqüentemente com uma maior consciência linguística.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é como se faz**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolingüística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegamos na escola e agora? Sociolingüística e educação**. São Paulo. Parábola, 2005.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

BECHARA. Evanildo C. (org.). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2011.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. (v.1). São Paulo: Contexto, 2012.

GOMES, Maria Lúcia Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo Saraiva, 2009.

MARTELOTA, Eduardo Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: contexto, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

TRAVAGLIA, L. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Questionário realizado com os alunos com vista a descobrir a origem dos alunos, o nível de escolaridade dos pais e suas respectivas profissões.

1- Sua idade? _____

2- Local onde você mora? _____

3- Onde nasceu? _____

4-Profissão dos pais ou responsável?

Pai _____

Mãe _____

5- Onde seus pais nasceram?

Pai _____

Mãe _____

6- Qual o nível de escolaridade dos seus pais?

Pai _____

Mãe _____

7-Aponte algumas gírias que você ouve em seu convívio
